

**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Faculdade de Ciências Humanas
Curso de Graduação em Filosofia**

Pedro Henrique Cristaldo Silva

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS AO TEXTO *NOTA SOBRE A PESSOA* (1936) DE
PAUL RICOEUR**

Campo Grande - MS
2024

Pedro Henrique Cristaldo Silva

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS AO TEXTO *NOTA SOBRE A PESSOA* (1936) DE
PAUL RICOEUR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto

Campo Grande - MS
2024

PEDRO HENRIQUE CRISTALDO SILVA

**TRADUÇÃO E COMENTÁRIOS AO TEXTO *NOTA SOBRE A PESSOA* (1936) DE
PAUL RICOEUR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como pré-requisito para graduação no Curso de
Licenciatura em Filosofia da Faculdade de
Ciências Humanas da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul.

Campo Grande, ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weiny César Freitas Pinto (Orientador)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dra. Maíra de Souza Borba (Examinadora)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Roberto Roque Lauxen (Examinador)
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

DEDICATÓRIA

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, sobretudo, por todo incentivo profissional à educação e por todo apoio moral à investigação. Do início ao fim dessa trajetória universitária, eu nada teria alcançado sem vocês.

Agradeço, dos mais próximos aos mais distantes, a todos os professores do curso de Filosofia da UFMS que contribuíram expansivamente para minha formação docente. Em especial aos professores Weiny César Freitas Pinto, meu rigoroso orientador, pesquisador exemplar e parceiro ricoeuriano, e Vinícius Carvalho da Silva, mestre interdisciplinar, intelectual atento e entusiasta da espiritualidade.

Agradeço aos colegas ricoeurianos da *Rede Brasil-Ricoeur*, a associação de estudos iniciada pelo grupo de leitura online da obra do filósofo, a qual fui introduzido pelo Weiny e tenho a honra de participar e aprender com os demais pesquisadores.

Agradeço aos meus amigos, que tanto fiz no curso quanto encontrei na vida e que me ajudaram a encontrar as vias da razão e as raízes da fé: os colegas aspirantes à filósofos Ilker Luiz e Lucas Mateus, os irmãos da ABC² Raul Vieira e David Monteiro, e os parceiros literários Gabriel Lemos e Gabriel Santana.

Por fim e em tudo, agradeço à minha companheira familiar, amada amiga e sensível leitora analítica, Priscila Zanon. A qual me presenteou carinhosamente com a descoberta do reconhecimento pessoal.

EPÍGRAFE

“Lapsos de intraduzibilidade dispersos no texto fazem da tradução um drama, e da vontade de boa tradução, uma aposta.” (*Sobre a tradução*, Ricoeur, 2012, p. 24).

“Daí o paradoxo, antes do dilema: uma boa tradução só pode visar uma equivalência presumida, não fundada numa identidade de sentido demonstrável. Uma equivalência sem identidade.” (*Idem*, p. 47)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar a tradução, integral e inédita em língua portuguesa, do texto “Nota sobre a pessoa”, publicado em 1936 pelo filósofo Paul Ricoeur (1913-2005). Este texto é o segundo ensaio publicado no início da trajetória intelectual do filósofo, constituindo-se como um texto prematuro de sua formação estudantil. Agregando à tradução, o presente trabalho contém comentários explicativos e críticos destinados ao texto em questão. Nos comentários explicativos é descrito detalhada e progressivamente a argumentação do filósofo; nos comentários críticos, indagações em forma de problema são realizadas, questionando sua argumentação. Em anexo, encontra-se ainda a transcrição original do texto paralelo à tradução integral. A tradução foi elaborada observando o rigor metodológico de revisão linguística e adequação argumentativa, bem como os demais processos detalhados na introdução. Nosso trabalho buscou oferecer a tradução fiel aos termos ricoeurianos em seu sentido original, priorizando, ao mesmo tempo, a clareza semântica e a coesão sintática na experiência da leitura. Acreditamos que nossa tradução comentada apresenta o pensamento prematuro do filósofo – compondo as bases do que viria a ser a sua proposta de uma filosofia da pessoa, ressoando em sua antropologia filosófica do *homem capaz* –, e promove a discussão filosófica indireta sobre o valor conceitual da noção de pessoa.

Palavras-chave: Filosofia. Personalismo. Pessoa. Paul Ricoeur. Tradução.

RESUMÉ

L'objectif principal de cet ouvrage est de présenter la traduction complète et inédite en portugais du texte « Note sur la personne », publié en 1936 par le philosophe Paul Ricoeur (1913-2005). Ce texte est le deuxième essai publié au début du parcours intellectuel du philosophe, constituant un texte prématuré de sa formation d'étudiant. Outre la traduction, cet ouvrage contient des commentaires explicatifs et critiques visant le texte en question. Dans les commentaires explicatifs, l'argumentation du philosophe est décrite en détail et progressivement ; Dans les commentaires critiques, des questions sous forme de problèmes sont posées, remettant en question leurs arguments. Ci-joint la transcription originale du texte parallèle à la traduction complète. La traduction a été préparée en respectant la rigueur méthodologique de la révision linguistique et l'adéquation argumentative, ainsi que les autres processus détaillés dans l'introduction. Notre travail visait à offrir une traduction fidèle des termes ricoeuriens dans leur sens originel, en privilégiant à la fois la clarté sémantique et la cohésion syntaxique dans l'expérience de lecture. Nous pensons que notre traduction annotée présente la pensée prématurée du philosophe – formant la base de ce qui allait devenir sa proposition de philosophie de la personne, en résonance avec son anthropologie philosophique de l'homme capable – et favorise une discussion philosophique indirecte sur la valeur conceptuelle de la notion de personne.

Mots-clés : Philosophie. Personnalisme. Personne. Paul Ricoeur. Traduction.

Sumário

Introdução	9
1 Tradução e notas de <i>Nota sobre a pessoa</i> (1936)	13
2 Comentários explicativos e críticos à <i>Nota sobre a pessoa</i> (1936)	18
2.1 Comentários explicativos à <i>Nota sobre a pessoa</i>	18
2.1.1: Antecedentes filosóficos à publicação do texto.....	18
2.1.2: Por que a pessoa não é indivíduo? (seç. 1-2).....	21
2.1.3: O ato, a pessoa e o instante (seç. 3-4).....	22
2.1.4: O paradoxo da encarnação e a manifestação da pessoa (seç. 5-6).....	24
2.1.5: Por que a figura de Jesus é vista como o modelo da pessoa? (seç. 7).....	27
2.2: Comentários críticos à <i>Nota sobre a pessoa</i>	29
2.2.1: A singularidade da noção de pessoa atrelada à livre ação criativa.....	30
2.2.2: O modelo da pessoa baseado na figura de Jesus.....	32
Considerações finais	35
Referências bibliográficas	37
Anexo - Transcrição e tradução	42

Introdução

Jean Paul Gustave Ricoeur, filósofo francês nascido na cidade de Valence em 1913 e falecido no ano de 2005, na comuna francesa de Châtenay-Malabry, foi, sobretudo, um pensador que refletiu sobre o agir humano através de três tradições que ele admite pertencer: filosofia reflexiva, fenomenologia e hermenêutica (Ricoeur, 1995). Sua atuação intelectual se deu no período após a Segunda Guerra Mundial, onde discutiu e dialogou com diversas correntes de pensamento, entre as quais as principais foram fenomenologia, psicanálise, filosofia analítica da linguagem, ética e teoria da história. O texto traduzido e comentado que aqui será apresentado, é um texto prematuro de sua formação e constitui um ensaio inicial, para ser mais preciso, o segundo texto publicado em sua longa trajetória intelectual (Kuang, 1936, p. 1)

Dessa forma, este trabalho é composto por duas partes: 1^a) a tradução integral e inédita¹ em língua portuguesa, do texto “Nota sobre a pessoa” (*Note sur la personne*), de Paul Ricoeur, realizada a partir da fonte primária em língua francesa²; 2^a) os comentários explicativos e críticos destinados à argumentação do filósofo no texto traduzido em questão.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresento a tradução do texto original acompanhada de pequenas notas de rodapé. Nosso método de tradução, consistiu, progressivamente, nas seguintes etapas:

- i) Partir da aprendizagem instrumental da língua francesa;
- ii) O recebimento de auxílio linguístico do professor de francês particular e assistente da UFMS, Loïc Le Morvan, e a detalhada supervisão pelo orientador do presente trabalho, o Prof. Dr. Weiny César;
- iii) A consulta de dicionários e gramáticas da língua francesa, além de dicionários especializados em filosofia, tomando como referência as seguintes obras: Larousse (Gálvez, 2008), Michaelis (Avolio, 2010) e o *Dicionário Moderno de Francês-Português* (2012); as gramáticas: Michaelis (Avolio, 2006) e *Grammaire progressive du Français Niveau Intermédiaire* (Gregoire; Thiévenaz, 2013); a plataforma do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (2024) também foi utilizada como fonte de pesquisa; quanto aos dicionários filosóficos, utilizamos um dicionário de um autor francês com tradução em

¹ Para verificar quão inédita seria nossa tradução, realizamos uma busca detalhada em duas bases de dados que indexam revistas acadêmicas em Qualis A1-A4 pela CAPES: OASISBR - Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto. OASIS. Brasília: OASIS, 2024. Disponível em: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 10 set. 2024. Base de Dados; PERIODICOS- Portal de Periódicos da CAPES. CAPES. Brasília: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2023. Base de Dados.

² O acesso ao texto original em francês foi possível graças a disponibilidade gratuita dos arquivos online do *Fonds Ricoeur*, o acervo documental da biblioteca pessoal de Ricoeur, localizado no *L'Institut protestant de théologie* (IPT), em Paris.

português, o Vocabulário de Lalande (Lalande, 1993), o tradicional dicionário filosófico de Abbagnano (Abbagnano, 2007), o terceiro tomo (K-P) do dicionário de filosofia Ferrater Mora (Mora, 2001) e o dicionário organizado por Michel Blay (Blay, 2003);

iv) A pesquisa da obra, o léxico e a trajetória do autor: utilizando principalmente a base de dados do Digital Ricoeur (2024) e os arquivos documentais do Fonds Ricoeur (2024), os artigos que abordam a noção de pessoa: *Abordagens da pessoa* (Ricoeur, 1996b), *Morre o personalismo, nasce a pessoa...* (Ricoeur, 1996d), *Emmanuel Mounier: uma filosofia personalista* (Ricoeur, 1968); o léxico no vocabulário resumido sobre as categorias da filosofia ricoeuriana, *Paul Ricoeur de A a Z* (Xavier, 2019); as duas autobiografias *A crítica e a convicção* (Ricoeur, 2009) e *Autobiografia intelectual* (Ricoeur, 2007, 1995); além do artigo publicado em coautoria ao meu orientador, *Para além de uma nota sobre a pessoa* (Silva; Pinto, 2024);

v) A utilização de ferramentas digitais de tradução, submetendo a busca de termos e certas construções às ferramentas DeepL³ e Linguee⁴, que fornecem traduções tanto de uma construção frasal quanto de um termo particular, preservando a sintaxe gramatical.

Em todo o processo de tradução, priorizou-se os termos fiéis ao sentido original, buscando, igualmente, a clareza semântica e a coesão sintática na experiência de leitura⁵.

No segundo capítulo deste trabalho, desenvolvo comentários explicativos e críticos ao texto traduzido em questão. Nos comentários explicativos, descrevo detalhada e progressivamente a argumentação do filósofo em seu texto. Nos comentários críticos, levanto indagações em forma de problema, questionando a argumentação do filósofo.

Por fim, para uma detalhada análise comparativa da tradução, insiro em anexo a transcrição original do francês ao lado de nossa tradução do texto. Na primeira coluna, a transcrição, na segunda, a tradução.

O interesse que nos move na desafiadora tradução integral deste pequeno texto e na modesta iniciativa de pesquisa em elaborar comentários de ordem dupla, tem origem na promoção indireta da discussão filosófica sobre o valor da noção de pessoa a partir do trabalho de apresentação do pensamento prematuro do jovem Ricoeur.

Ademais, é importante registrar as utilizações deste texto já realizada por parte de outros pesquisadores em língua portuguesa. Os únicos trabalhos encontrados, publicados no Brasil até então, que contemplam o ensaio de 1936, são: um artigo científico, uma tese de doutorado, um

³ DEEPL. DeepL Translate | Dicionário francês-português. Disponível em: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator#fr/pt/met%20en%20d%C3%A9faut>. Acesso em: 22 jul. 2024.

⁴ LINGUEE. Linguee | Dicionário francês-português e outros idiomas. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/>. Acesso em 20 set. 2024.

⁵ Uma referência estrutural para elaboração introdutória deste trabalho foi a tradução, realizada igualmente como trabalho de conclusão, do meu colega de curso, André Almeida (Almeida, 2023).

capítulo de livro e um livro recentemente publicado. O artigo científico é de Roberto Roque Lauxen, sob o título *Pessoa e promessa em Paul Ricoeur: no caminho das instituições justas* (Lauxen, 2013). Este artigo elabora uma provisória e fragmentada tradução do texto ricoeuriano na finalidade de apresentar a trajetória cronológica do filósofo francês a respeito da noção de pessoa. A tese de doutorado é de Claudia Aita Tiellet, intitulada *Segunda pessoa e casos-limite em Paul Ricoeur* (Tiellet, 2020). Essa tese consulta a tradução do artigo de Roberto Lauxen para explicar a origem na noção de pessoa no pensamento de Ricoeur, apresentando seu retorno conceitual na década de 80. O capítulo de livro é também da autoria de Claudia Tiellet, na qual é explorado o conhecimento de si e o reconhecimento do outro a partir de Ricoeur. Este capítulo, intitulado *A pessoa na obra de Paul Ricoeur: tarefa entre conhecimento de si e reconhecimento do outro* (Tiellet, 2023), está inserido na obra *Filosofia da pessoa no pensamento de Paul Ricoeur*, organização elaborada por José Vanderlei Carneiro, Rita de Cássia Oliveira e Claudia Aita Tiellet, agrupando uma coleção de artigos sobre a temática da pessoa no pensamento do filósofo. Por fim, o livro recentemente publicado que contempla de forma implícita o texto ricoeuriano de 1936, é de Frederico Soares de Almeida, *O homem capaz e a antropologia filosófica de Paul Ricoeur* (Almeida, 2023). Na seção três de seu primeiro capítulo, sobre o encontro de Ricoeur com a filosofia personalista, Frederico ecoa a mesma argumentação que o filósofo desenvolve em seu curto ensaio sobre a saída egocêntrica da pessoa.

Portanto, recomendamos vivamente ao leitor interessado que consulte estes trabalhos desenvolvidos por pesquisadores ricoeurianos, para obter mais informações importantes a respeito não só do presente texto, mas igualmente da filosofia da pessoa aprimorada no pensamento do filósofo francês ao longo do tempo.

CAPÍTULO 1

TRADUÇÃO E NOTAS DE *NOTA SOBRE A PESSOA* (1936)

Nota sobre a pessoa⁶

Paul Ricoeur

Assistimos atualmente à restauração da noção de pessoa; essa restauração situa-se, na maior parte das vezes, na encruzilhada de um aprofundamento filosófico e religioso, e de um esforço socialmente construtivo. Mostrarei hoje apenas o lado especulativo disso.

1. A pessoa e o indivíduo

O que é uma pessoa? Podemos ter uma ideia negativa, contrastando-a com o que não é a pessoa.

Desde o meu nascimento estou ligado a um corpo, isto é, a um sistema de forças biológicas, psicológicas, sociológicas que não escolhi, que não criei.

As forças biológicas asseguram um equilíbrio vital (regulado por um sistema de secreções internas etc.) e tendem a dar-me um certo *temperamento*. A pessoa não é seu temperamento.

As forças psicológicas são um sistema de hábitos, de tendências, de instintos, em parte herdados, em parte ampliados pelas aquisições individuais; esse capital mental prolonga meu temperamento para formar um *caráter*⁷; a pessoa não é seu caráter.

Meu caráter não se desenvolve como uma planta de estufa: nutre-se das contribuições de um ambiente econômico, social, moral e religioso; uma certa *mentalidade* deixa sua marca em meu caráter: um lar pobre, um ambiente profissional ou intelectual, um clima religioso, uma atmosfera informal ou de frieza moral. Um “nós”⁸ tirânico me molda, me forma. Mas na medida em que o que eu faço é explicado por estas forças anônimas, eu não sou uma pessoa.

Se chamo de *indivíduo* o temperamento prolongado pelo caráter, coroado pela mentalidade, direi que *a pessoa não é o indivíduo*.

⁶ Texto publicado em 1º de maio de 1936, no jornal religioso, político, filosófico e literário *Le Semeur* (Ricoeur, 1936). Nota do Tradutor: N.T.

⁷ O termo usado por Ricoeur é *caractère*, que significa características individuais de uma pessoa. Optamos pela palavra “caráter”, com sua referência à psicologia. Não confundir com o sentido moral, empregado popularmente com o uso da expressão “mau/bom caráter”. N.T.

⁸ No original: “on”, entendido como um sujeito indefinido. Uma possível tradução seria: “se”, enquanto sujeito impessoal. No entanto, para preservar a compreensão na leitura optamos pela primeira pessoa do plural: “nós”, visando o sentido de “um todo social”, do qual eu faço parte.

2. A pessoa e a ciência

Vamos dar um passo além: o temperamento, o caráter, a mentalidade obedecem a leis mais ou menos aproximadas; isto significa que toda vez que certas condições são dadas, posso *prever* certos efeitos. O que não é a pessoa é *objeto da ciência*, é previsível. Na medida em que o homem é um objeto da ciência, ele não é uma pessoa.

3. O ato e a pessoa

Então, o que é a pessoa? Sou uma pessoa quando EU faço o que faço, isto é, no sentido radical e radicalmente ativo da palavra fazer; quando o que faço é explicado não por todas as forças determinadas, mas por *mim mesmo*, pela minha livre decisão. A pessoa *age* e não é acionada⁹. A noção de ato é obviamente uma chave para a ideia de pessoa. A pessoa é quem reivindica um certo ato, quem se solidariza com esse ato, assume nele suas consequências, é responsável por ele. Admitamos, aqui as palavras quebram; chegamos a um domínio onde, nas palavras de Descartes, podemos “tocar”, mas não “abraçar”, como fazemos com uma montanha. É certo que o ato não pode ser apreendido de fora, que é um ato apenas para o agente, ou para aquele que pode simpatizar internamente com ele, como se estivesse dentro dele. A pessoa sou *Eu* e *Você*, e nunca *Ele* ou qualquer pessoa; o ato é *meu* ato, *seu* ato, mas nunca *um* ato. De personalidade, o ato se degrada em gesto. A partir de então, ato e pessoa são irreduzíveis a qualquer procedimento metafísico que consistiria em tratá-los como objetos, entidades, até mesmo existências, e a construir um sistema sobre eles. O ato e a pessoa, ao contrário das essências e dos valores, não podem ser *elementos de uma filosofia*¹⁰.

4. O ato e o instante

O ato, dizem os personalistas¹¹, não está no tempo, mas no instante. Essa ideia pode ser abordada pelos seguintes meios: o indivíduo obedece às leis do seu temperamento, do seu

⁹ A frase completa no original é: “La personne *agit* et n'est pas *agie*” (p. 439). O termo “*agie*” é uma adjetivação estilística do filósofo francês. Sua categoria gramatical nessa frase é um adjetivo do particípio passado referente ao sujeito. Agradeço a Loïc Le Morvan por esclarecer o emprego de tal palavra neste contexto específico. N.T.

¹⁰ Neste sentido, Gabriel Marcel escreveu recentemente: “Da minha parte, eu nego inteiramente ao filósofo todo poder ditatorial sobre ideias deste tipo”. *Recherches philosophiques* 1934-35. Dizer por exemplo: a pessoa é o ato, é *ordenar* essas duas noções, da mesma forma como lidamos com objetos. De resto, é uma falha semelhante que todo o restante desta nota enfrenta. Pessoa e ato são verbos: “eu ajo”. Falar sobre eles é colocá-los como substantivos, como entidades, e degradá-los.

¹¹ O personalismo foi uma corrente filosófica francesa de cunho moral e político que surgiu para renovar o espírito humanista diante da crise econômica europeia de 1929. Seu principal expoente foi Emmanuel Mounier (1905-1950), fundador da Revista *Esprit* em 1932. (BLAY, 2003, p. 2269). N.T.

caráter, da sua mentalidade. Mas o que é determinado está no tempo: no sentido de que o presente se explica pelo passado e dá razão ao futuro. Ao contrário, o verdadeiro ato é explicado por si, é de alguma forma estranho às implicações da duração; é pura posição; é o instante oposto à duração.

Mais que isso, se é verdade que o instante oposto ao tempo é homogêneo à eternidade, e é, no tempo, a única aproximação, podemos dizer que o ato exprime a eternidade.

5. A pessoa e a encarnação

Mas, alguém pode dizer, eu sou uma pessoa; isso não me impede de ter temperamento, caráter, mentalidade. Você opôs essas duas faces do homem. Como você as une?

Precisamente: é hora de superar o ponto de vista do dualismo herdado de Descartes: não sou de um lado alma, do outro lado corpo, – de um lado pessoa, do outro lado indivíduo. Eu sou um todo unificado. Eu sou carne. O que significa: eu sou ao mesmo tempo uma vocação livre (e crio algo no mundo), e sou ao mesmo tempo um corpo entre corpos. Este é o paradoxo central da noção de pessoa: o *paradoxo da encarnação*¹². Este paradoxo tem um alcance existencial, no sentido de que uma determinada situação concreta, a situação mais concreta do homem, só pode ser apreendida através de duas afirmações em estado de tensão. O paradoxo é frequentemente a única maneira de abordar o concreto. “A pessoa é a encarnação impensável da eternidade no tempo” (D. de Rougemont)¹³.

Mas a “relação” da pessoa e do determinismo pode, em certas situações de *crise*, aparecer sob os traços de uma oposição: em certas crises, a pessoa é o que *suspende* o determinismo. A pessoa é então capaz de derrotar as previsões da caracterologia¹⁴ e da sociologia. “Quem bebeu beberá”, diz a ciência do homem, até o dia em que a pessoa rompe o círculo fatal. A partir de então, o homem é pessoal na medida em que impede que as ciências do homem sejam rigorosas.

¹² Muito frequentemente tendemos a subestimar as verdadeiras servidões ligadas à natureza corporal do homem. No seu artigo: “Destin du siècle ou Vocation de l’homme”, D. de Rougemont, assimila o determinismo a uma *atitude* de desistência, e procura “a origem permanente e virtual das ditaduras, num enfraquecimento em nós do sentido do nosso destino pessoal”. Eu acredito que a nossa vocação é condicionada pelas *permissões* objetivas do físico, do mental e do social. E isso, porque *eu sou meu corpo*. A. Comte tem razão: coloque o maior filósofo do mundo de cabeça para baixo; ele vai parar de raciocinar.

¹³ Denis de Rougemont (1906-1985), foi um escritor suíço conhecido por suas obras que exploram temas como amor, religião, política e cultura. Seu artigo “*Destin du siècle ou vocation personnelle?*”, citado por Ricoeur na nota 5 como “*Destin du siècle ou Vocation de l’homme*”, foi publicado na Revista “*Foi et Vie*”, em 1934. (cf. Rougemont, 1934a). A presente citação, no entanto, foi extraída da página 375 do artigo “*Définition de la personne*”, publicado na Revista *Esprit* em 1934. (cf. Rougemont, 1934b). N.T.

¹⁴ Ramo da Psicologia que estudava as características da personalidade humana. Conforme o verbete *Caracterologia* do Dicionário de Filosofia Nicola Abbagnano (2007): “Termo que entrou em uso na segunda metade do século passado para indicar a *ciência do temperamento ou do caráter*”. (p. 115, grifo próprio). N.T.

Em outras palavras, as minhas ações derivam mais ou menos da criação ou do determinismo, dependendo se ajo ou se sou falível, se me afirmo ou se desisto: se sou falível, se sou escravo, o determinismo é absolutamente verdadeiro. A pessoa é quem faz falhar as leis. Ela as obriga a serem apenas aproximadas, porque o rigor das leis mede a nossa degeneração.

Podemos aplicar estas observações ao determinismo marxista: Marx diz que a estrutura econômica pesa fortemente sobre a ideologia a ponto de a determinar; isto é verdade; mas isto é verdade apenas em *linhas gerais*: “No estado atual, apenas algumas almas escapam ao domínio do determinismo econômico. O determinismo é a lei de ferro de um mundo pecador bastante indiferente como um todo à vida sobrenatural” (Manifeste de Terre Nouvelle¹⁵). Eu digo: *como um todo*; porque o determinismo radical significa que não há mais pessoas para agir. Os determinismos *tendem* a nos empurrar nesta ou naquela direção, como um peso. A tarefa da pessoa é carregar os fardos da carne e, às vezes, contornar o obstáculo.

6. Vocação, engajamento, testemunho

Resta-me, para terminar, indicar muito brevemente como de fato e praticamente a pessoa se manifesta. Essencialmente por uma *vocação* e uma *responsabilidade*. As melhores consciências (religiosas ou não) sempre sentiram que a sua tarefa era ouvir o *apelo* de alguma utopia, de algum mito, de algum valor pelo qual eram responsáveis: ouvir este apelo é ter uma vocação; a pessoa pronta para respondê-lo sente-se responsável; ela se engaja na medida em que se esforça para inscrever a sua vocação em ações visíveis na duração do tempo, – para encarná-la. Suas ações são “testemunhos” de sua vocação. O ponto extremo do engajamento, do testemunho, da responsabilidade, da vocação é o sacrifício: a carne desaparece na ordem visível diante da vocação. O suicídio, que nesta ordem visível é indistinguível do sacrifício, é a antítese exata disso: é a pura negação de toda vocação.

¹⁵ *Terre Nouvelle* foi uma revista política de promoção do socialismo cristão, movimento francês religioso de cunho revolucionário iniciado na década de 1880 (Baubérot, 1987). O Manifesto foi publicado em 1935, sob a supervisão de Maurice Laudrain (1900-1989) católico, sindicalista e editor-chefe da revista, Henri Tricot (1852-1938) pastor protestante e anarquista, e André Philip (1902-1970) protestante, economista e deputado (Blaser, 1999, p. 82). N.T.

7. Conversão maravilhosa¹⁶

O cristão tem algo de essencial, de subversivo, a acrescentar: para ele a pessoa só se completa na doação que faz de si mesmo a Deus. Conversão maravilhosa: para criar, o cristão deixa-se criar; para viver, morre para si mesmo. Aquele que guardar a sua vida, perdê-la-á¹⁷...

Diferentemente do nietzschiano, do estoico que fecham a personalidade nela mesma e sobre a sua agressividade, o cristão sabe que só possui aquilo que *recebe* de Deus e *dá* em amor ao próximo. A pessoa se encontra no final de sua *desapropriação* em Deus.

Sou mais pessoal quando menos penso em ser. Por quê? Porque a pessoa é *chamada* não por uma utopia, um mito ou mesmo um valor, mas pelo supremo concreto, a Pessoa em si, Jesus “o limite *alcançado* da pessoa na história”. (Denis de Rougemont)¹⁸.

¹⁶ No original: *Retournement merveilleux*. Graças às considerações elucidativas de Frederico Soares de Almeida, colega e pesquisador especialista na temática religiosa ricoeuriana, optamos por utilizar o conceito *conversão*, em vez de inversão ou meramente retorno.

¹⁷ Ricoeur cita o trecho bíblico neotestamentário do evangelho sinótico de Mateus, capítulo 10, verso 39. N.T.

¹⁸ Cf.: Rougemont, 1934b, p. 376. N.T.

CAPÍTULO 2

COMENTÁRIOS EXPLICATIVOS E CRÍTICOS À *NOTA SOBRE A PESSOA* (1936)

O objetivo deste capítulo é elaborar comentários de ordem explicativa (2.1) e crítica (2.2), descrevendo a argumentação ricoeuriana e levantando questionamentos filosóficos a essa argumentação.

2.1: Comentários explicativos à *Nota sobre a pessoa*

A partir desta primeira seção será apresentado os comentários explicativos mediante cinco subseções. Na primeira apresentarei, de ordem metodológica, as ideias filosóficas que formaram o pensamento ricoeuriano e antecederam a publicação do texto. Na segunda demonstro por que a pessoa não é indivíduo, a partir das seções 1 e 2 do texto original. Em seguida, explico como as noções de ato, pessoa e instante estão interligadas, segundo as seções 3 e 4. Sigo adiante abordando a manifestação da pessoa mediante o paradoxo da encarnação, conforme as seções 5 e 6. Enfim, na quinta subseção, respondo detalhadamente por que a figura de Jesus Cristo é vista como modelo de pessoa, seção 7.

2.1.1: Antecedentes filosóficos à publicação do texto

Nota sobre a pessoa é um pequeno ensaio com sete seções, constituindo-se como o segundo texto publicado da trajetória intelectual de Paul Ricoeur. A publicação de *Nota sobre a pessoa* foi feita no jornal *Le Semeur*, no dia 1º de maio de 1936¹⁹. *Le Semeur* foi um jornal dirigido por protestantes e funcionava como um órgão da Federação Francesa de Associações de Estudantes Cristãos durante a década de 30 (Rougemont 2.0a). No jornal, os autores discutiam temas de religião, política, filosofia e literatura. Nesse período o filósofo tinha apenas 23 anos e lecionava no Liceu da cidade de Colmar, localizada no interior rural, que na época era uma divisa entre França e Alemanha. O teor filosófico deste pequeno texto é marcado pelo existencialismo e personalismo cristão, especialmente nas figuras de Gabriel Marcel (1889-1973) e Emmanuel Mounier (1905-1950). *Nota sobre a pessoa* foi um ensaio circunstancial que visava contribuir para a discussão sobre a noção filosófica da pessoa, não sendo, portanto, uma

¹⁹ Coincidentemente ou não, essa foi a data em que Léon Blum (1872-1950), político socialista e advogado francês, ganhou as eleições parlamentares da França, assumindo a posição de primeiro-ministro. Blum era o representante da Frente Popular Francesa, coligação política de partidos de esquerda. Nesta época, Ricoeur era um engajado protestante ativista de esquerda (Dosse, 2017, p. 27).

análise teórica profunda de antropologia filosófica, mas uma breve *nota* discursivo-ensaística sobre o valor da pessoa.

Durante o ano anterior à publicação deste texto, Ricoeur aguardava o resultado de sua agregação²⁰ em filosofia para tornar-se professor do Liceu. Sua agregação foi possibilitada pela tese de seu mestrado em 1932 na *Sorbonne Université*, com um trabalho sobre o problema de Deus em Lachelier e Lagneau, dois filósofos franceses da tradição reflexiva (Grondin, 2015, p. 17). Influenciado por um amigo, em 1934 começou a frequentar os encontros das “tardes de sextas-feiras” (Ricoeur, 2009, p. 44), reuniões onde conheceu Gabriel Marcel, filósofo e dramaturgo francês conhecido por encabeçar o existencialismo cristão²¹. Marcel foi, segundo Ricoeur (2011a, p. 120), seu primeiro mestre, que formou tanto seu pensamento crítico quanto sua prática de ensino (Reagan, 1996, p. 9). Em uma de suas entrevistas biográficas concedidas a dois escritores muitos anos depois, em 1995, intitulada *A crítica e a convicção*, Ricoeur diz o seguinte sobre tais reuniões: “[...] ia todas as sextas-feiras ter com ele [Gabriel Marcel]; o seu ensino socrático ajudou-me muito. Ele só impunha uma regra: nunca citar autores, partir sempre de exemplos e reflectir por si mesmo.” (Ricoeur, 2009, p. 22).

Os temas existencialistas e certas categorias conceituais da filosofia de Marcel aparecem já na primeira obra sistemática de Ricoeur, *Le volontaire et L'involontaire*, publicada em 1950. O tema central da obra é uma articulação entre a análise fenomenológica, oriunda de Edmund Husserl (1859-1938), e a perspectiva existencial, proveniente de Marcel e Karl Jaspers (1883-1969), sobre a vontade do sujeito manifesta na ação. O sujeito é oriundo da articulação entre o indivíduo analisável da ciência e o ato voluntário da pessoa – do qual sua subjetividade é fundamentada radicalmente na transcendência (Ricoeur, 1950, p. 7)²². Em sua *Autobiographie intellectuelle*, Ricoeur explica sobre como tratavam, durante as reuniões de “sextas” na década de 30, os conceitos filosóficos diante de temas religiosos: “O rótulo de existencialismo ainda não tinha sido aplicado às meditações metafísicas que tratam da encarnação, do compromisso, da invocação, do absurdo e da esperança [...]” (Ricoeur, 1995, p. 16). Isso demonstra a razão da futura titulação do pensamento de Marcel como “existencialismo cristão”, mesmo que inicialmente não houvesse nada direcionado quanto ao seu objetivo religioso.

²⁰ Concurso de aceitação para exercer a docência no Liceu, o ensino de educação básica da França – equivalente ao Ensino Médio no Brasil.

²¹ Em 1967 Ricoeur entrevista Marcel e pergunta o que ele pensava sobre esse título, dado inicialmente por Jean-Paul Sartre (1905-1980), em sua conferência “O existencialismo é um humanismo?”. Marcel responde dizendo que rejeitava esse título. No entanto, para fins editoriais, posteriormente passou a ser relativamente complacente devido ao conselho que recebeu de Louis Lavelle (1883-1951) (Marcel, 1998, p. 73-75).

²² O texto que aqui traduzimos e estamos trabalhando é perceptivelmente um prelúdio ensaístico que passou por aprimoramento argumentativo e alterações filosóficas para então chegar ao desenvolvimento sistemático e rigoroso que o filósofo elabora em sua primeira obra.

Outro pensador influente, mas com menos expressividade conceitual neste texto de Ricoeur foi Emmanuel Mounier, filósofo e revolucionário francês fundador do personalismo e criador da revista *Esprit*, em 1932. O personalismo foi uma corrente filosófica de cunho moral e política que surgiu diante da crise econômica europeia de 1929, tanto confrontando quanto absorvendo, relativamente, as ideias do existencialismo e do marxismo. A raiz existencialista do personalismo fundamentava a visão do valor absoluto da pessoa em seus laços comunitários, além de encontrar nela a imagem concreta para pensar o divino, viam a pessoa como “o movimento do ser na direção do ser” (Mora, 2001, p. 2021). O marxismo do personalismo era proveniente de sua pauta sócio-política no combate a alienação do individualismo liberal e aos totalitarismos ditatoriais (Blay, 2003, p. 2269).

Entretanto, conforme François Dosse (2017) relata em sua obra biográfica sobre Ricoeur, o lema que guiou a criação da revista *Esprit* – meio de comunicação oficial do personalismo – era o combate ao “materialismo individualista [capitalismo], o materialismo coletivista [comunismo] e o falso espiritualismo facista [nazifacismo].” (p. 25). Ou seja, além do produtivismo capitalista e do ascendente nazifacismo, nem mesmo o marxismo com seu viés comunista – em seu ímpeto de revolução das massas culminando na impessoalização coletivista – escapou das críticas do personalismo. Em suma, segundo Ricoeur, mencionando um trecho da obra *Personnalisme* (1946/1976) de Mounier, “o personalismo de 1950 recorda que o termo pretendia, em 1932, ‘designar as pesquisas iniciais da revista *Esprit* e de certos grupos vizinhos em torno da crise política e espiritual que então se manifestava na Europa’.” (Ricoeur, 1968, p. 137).

Conceitos principais do texto como *encarnação*, *vocação* e *testemunho* são provenientes especialmente do pensamento religioso de Gabriel Marcel, a partir de sua perspectiva existencial sobre o “mistério”, que nos engloba, e o “problema”, que está diante de nós (Ricoeur, 2009, p. 46). Já a noção de *pessoa* surge do pensamento personalista de Emmanuel Mounier (Dosse, 2017, p. 23), que enfatizava seu valor conceitualmente singular e eticamente protestatário, contrário ao *indivíduo* – cientificamente mensurável e determinadamente produtivista. A qualidade conceitual da noção de pessoa é caracterizada, principalmente, por seu valor de ruptura e presença, envolta no vínculo da alteridade comunitária e na abertura à transcendência, com pretensões a romper com a opressão do produtivismo capitalista e contrária aos totalitarismos deterministas. Tal noção não apenas ganhou força teórica, mas também recebeu um momentâneo apreço popular na França do século passado devido ao seu fundo humanista (Ricoeur, 1996d, p. 156), que, no entanto, logo depois, veio a ser ofuscada pelo existencialismo sartriano.

Entretanto, nem Marcel (a não ser na primeira nota de rodapé do texto original) nem Mounier aparecem mencionados no corpo do texto por Ricoeur, os dois foram apenas os antecedentes filosóficos que proporcionaram as ideias “especulativas” do texto. O único pensador que Ricoeur menciona explicitamente é Denis de Rougemont (1906-1985), escritor suíço e teórico cultural pouco conhecido, que, no entanto, foi atrelado à defesa política do federalismo europeu e engajado intelectualmente nos movimentos personalistas (Rougemont 2.0). Ao utilizar duas citações diretas de dois ensaios diferentes de Rougemont, Ricoeur compartilha com ele a mesma visão sobre a noção de pessoa.

2.1.2: Por que a pessoa não é o indivíduo? (seç. 1-2)

Na introdução de seu texto, Ricoeur menciona sobre uma percepção coletiva, durante a década de 30, de uma restauração da noção de pessoa. Essa percepção certamente é compartilhada pelo público-alvo do jornal em que divulga seu ensaio: os estudantes cristãos leitores de *Le Semeur*. Tal restauração da noção de pessoa, afirma o filósofo, girava em torno, principalmente, de um cruzamento entre o discurso religioso e a argumentação filosófica. Ricoeur, no entanto, afirma mostrar somente o lado especulativo de tal noção.

No início de sua primeira seção, “A pessoa e o indivíduo”, ele levanta o questionamento central: “o que é uma pessoa?”. Mediante tal indagação interrogativa, ele conduz o leitor a uma resposta negativa, para entender o que não é a pessoa. A partir das ciências positivas, Ricoeur apresenta um sistema interligado de forças que afetam o ser humano em sua corporeidade: as forças biológicas, psicológicas e sociológicas. Assim, ele desenvolve sua discussão sobre aquilo que não é a pessoa segundo essas três forças.

As forças biológicas proporcionam um equilíbrio físico-químico da vida humana viabilizando um determinado temperamento fisiológico regulado por secreções – a via interna pela qual as células descarregam substâncias vitais ao organismo externo. No entanto, a pessoa não é definida por essas forças biológicas, ou seja, sua identidade não está em seu temperamento. De outro modo, as forças psicológicas são um conjunto de hábitos práticos, tendências normalizadoras e instintos defensores, por um lado, herdados coletivamente, e, por outro, adquiridos individualmente. Essa herança e aquisição psicológica são o capital mental do indivíduo, isto é, sua capacidade cognitiva de resolução comportamental, formando seu caráter deliberativo. No entanto, à semelhança do biológico, a pessoa não é definida pela força psicológica, seu caráter não a define. As forças sociológicas, por sua vez, são constituídas por um específico ambiente econômico, um determinado contexto cultural e pela particularidade de

uma formação moral e tradição religiosa, formando, assim, a mentalidade do indivíduo. Um certo sistema social, constituído por todos esses fatores, moldam essa mentalidade. E, no entanto, a pessoa não é sua mentalidade, uma vez que suas ações não podem ser explicadas estritamente por esses fatores. Na seção seguinte, intitulada “A pessoa e a ciência”, sua argumentação é concluída.

O indivíduo, objeto analisável das ciências positivas, é formado por um temperamento emocional (proveniente das forças biológicas) prolongado por seu caráter comportamental (oriundo das forças psíquicas) e moldado por sua mentalidade social (procedente das forças sociológicas). Essa análise científica se dá por leis previsíveis aproximadas. A pessoa, por sua vez, não é objeto analisável da ciência, pois não pode ser explicada em termos previsíveis do indivíduo. “Na medida em que o homem é um objeto da ciência, ele não é uma pessoa.” (Ricoeur, 1936, p. 438). Essa conclusão ricoeuriana prenuncia as palavras de Mounier, dez anos depois, em 1946: “[...] a pessoa não é um objecto. Antes, é exactamente aquilo que em cada homem não é passível de ser tratado como objecto.” (Mounier, 1976, p. 18). Nesse sentido, a pessoa não é um indivíduo porque ela não é analisável em termos determinadamente previsíveis das ciências.

2.1.3: O ato, a pessoa e o instante (seç. 3-4)

De sua resposta negativa à pergunta inicial “O que é uma pessoa?” (p. 437), o filósofo responde agora afirmativamente: “A pessoa é quem reivindica um certo ato, quem se solidariza com esse ato, assume nele suas consequências, é responsável por ele.” (p. 439). Ou seja, a pessoa expressa-se com a reivindicação do ato, na solidariedade com o ato, em sua admissão no ato²³. Para Ricoeur, a noção de ato é uma chave para a noção de pessoa. No entanto, a pessoa não é o ato e o ato não é a pessoa. A explicação sobre o que é uma pessoa consiste a partir da realização de seu próprio ato e não meramente na explicação científica das forças determinadas e previsíveis de sua ação. Mas o que é o ato? O ato é o resultado concreto da liberdade radicalmente ativa do meu fazer (Silva; Pinto, 2024, p. 29), pois “Sou uma pessoa quando EU faço o que faço” (p. 438). O ato em si, por sua vez, não pode ser apreendido de fora, é apreensível somente para o agente que o realiza, ou, como explica Ricoeur, para aquele que pode simpatizar internamente com ele, isto é, como se estivesse dentro do próprio agente durante a realização de

²³ Ricoeur retoma e aprimora o conceito cinco décadas depois, em seu artigo *Abordagens da pessoa* (1990), agora com a noção *atitude-pessoa*. (Ricoeur, 1996b).

seu ato. É dessa forma que a emblemática expressão “La personne *agit* et n'est pas *agie*.”²⁴, traduzida por nós como “A pessoa *age* e não é acionada.” (p. 439), deve ser entendida: a pessoa *age* livremente e não é tornada ação – não pode ser acionada como um objeto – por ninguém, uma vez que é ela que reivindica, solidariza-se e responsabilmente admite o ato, e não o contrário.

Pessoa e ato fazem referência ao eu (*Moi*) posso realizar meu (*mon*) ato, você (*Toi*) pode realizar seu (*ton*) ato, jamais a ele (*Lui* - distante e impessoal) realiza um (*un* - estranho e indiferente) ato qualquer. Tal questão colocada pelo filósofo diz respeito não à forma correta da conjugação gramatical, mas, principalmente, à proximidade do ato pessoal. Desse modo, “De personalidade, o ato se degrada em gesto.” (*Idem*), ou seja, ato pessoal endereçado a outrem: gesto. Seguindo Marcel, ele explica a questão da seguinte forma: “Pessoa e ato são verbos: ‘eu ajo’ [*j’agis*].” (*Idem*). Segundo essa linha argumentativa, Ricoeur afirma ser incoerente qualquer procedimento metafísico que queira trabalhar com as noções de *ato* e *pessoa*, transformando-as em categorias sistemáticas, pois elas são irredutíveis, não podem ser elementos conceituais de uma filosofia, diferentemente das essências de um discurso metafísico e dos valores da discussão ético-moral. De forma similar, Jean Lacroix – filósofo católico e influente teórico do personalismo – em sua obra *Marxismo, existencialismo, personalismo* (1950) explica, a partir da noção de Marcel sobre tal questão, a diferença entre sistema (discurso totalizante de cunho metafísico) e existência (vivência concreta): “A pessoa se vê lançada *in medias res* entre um começo e um fim que ignora. Construir um sistema de ideias é fugir da realidade em que a pessoa se encontra e que é ela mesma: tudo se reduz ao seu ser pessoal concreto.” (Lacroix, 1972, p. 99-100). Nesse sentido, falar sobre ato e pessoa já é corrompê-los, substantivá-los conceitualmente – conforme o próprio Ricoeur percebe em sua falha descritiva da questão, exposta na nota de rodapé. Segundo Francisco Fischer afirma, “Filosofar sobre ela [a noção de pessoa] é degradar o dinamismo do seu verbo à imobilidade do substantivo” (Fischer, 2023, p. 136). Portanto, somente agir é presenciá-lo: eu (pessoa) ajo (realizo meu ato).

A quarta seção, “O ato e o instante”, diz respeito ao estado situacional da realização do ato. Esse “estado” é o instante²⁵. O instante, a partir de sua etimologia francesa, conforme

²⁴ O termo “*agie*”, usado por Ricoeur, não é um verbo, mas um adjetivo, usado estilisticamente para a argumentação do texto. Sua categoria gramatical nessa frase é um adjetivo do particípio passado referente ao sujeito. Outra possível tradução, com teor estritamente literal, seria: “A pessoa *age* e não é *agida*.” No entanto, o emprego do último termo é foneticamente estranho e gramaticalmente inusual. Em um artigo publicado anteriormente (Silva; Pinto, 2024), onde discutimos e comentamos este mesmo texto de 1936, utilizamos: “A pessoa *age* e não é *coagida*.” Entretanto, o termo “*coagida*” não traduz corretamente a noção que Ricoeur quer oferecer ao usar a adjetivação estilística. Nossa opção final pelo termo “*acionada*” foi em vista de manter a originalidade autoral e facilitar a compreensão do leitor.

²⁵ Essa noção remonta a filosofia de Søren Kierkegaard (1813-1855), filósofo dinamarquês, para o qual os personalistas davam grande valor devido suas reflexões sobre a subjetividade e a liberdade. Para Kierkegaard o

apresentado na plataforma linguística do *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (2023), é um “período de tempo muito pequeno, momento preciso situado no tempo”. O instante, assim definido, é entendido como o momento preciso, um curto período situado no tempo. O ato, por sua vez, é pura posição, podendo ser explicado somente a partir do instante. Entretanto, diferente da pura posição do ato no instante preciso, as leis determinantes regidas por forças previsíveis que explicam o indivíduo acontecem na duração do tempo, uma vez que aquilo que é determinado é temporal: a causa do passado determina o presente e potencializa o futuro. Dessa forma, o ato – enquanto realização efetivamente pessoal e puramente posicional – é explicado somente no instante, que por sua vez é oposto às implicações da duração temporal. Entretanto, Ricoeur não para por aí em sua argumentação. Se o instante é oposto a duração, sendo unido a eternidade – entendida como estado extratemporal perpétuo –, e somente no tempo se dá sua única aproximação, o ato – enquanto posição pura –, afirma ele, exprime a eternidade. Nesse sentido, o ato no instante é a expressão da eternidade no tempo. Conforme Roberto Lauxen explica, “o ato se encerra no instante, não tem passado ou futuro, ele é posição pura, neste sentido ele exprime a ‘eternidade’.” (Lauxen, 2013, p. 597).

2.1.4: O paradoxo da encarnação e a manifestação da pessoa (seç. 5-6)

Após Ricoeur ter distinguido o indivíduo com suas forças interligadas por um sistema (temperamento, caráter e mentalidade) da noção de pessoa, o que sobra dessa noção? A pessoa também não é portadora de determinado temperamento, com um caráter específico e uma mentalidade particular? Como unir essas duas dimensões humanas?

Sua resolução do problema parte da superação do dualismo cartesiano entre corpo (*res extensa*) e alma (*res cogitans*)²⁶, mediante o entendimento da *encarnação*²⁷. Conforme Ricoeur, “Este é o paradoxo central da noção de pessoa: o *paradoxo da encarnação*.” (p. 441). Este *paradoxo*²⁸ da encarnação, explicado através de duas afirmações em estado de tensão, tem

instante é a suspensão da temporalidade, a transição repentina da ocasião, aparecendo por causa “da relação de uma decisão eterna com um instante diferente” (Kierkegaard, 1999, p. 40-41).

²⁶ Conforme Frederico Soares de Almeida (2023) apresenta sobre o contexto intelectual da época de Ricoeur, as discussões teóricas em torno da questão do sujeito, oriundas do problema inaugurado por Descartes, compõem toda a cena intelectual francesa no início do século XX em torno do debate entre o vitalismo existencial, de Henri Bergson (1859-1841), e o formalismo conceitual, de Léon Brunschvicg (1869-1944) (p. 29-30). Ricoeur aborda aspectos dessas discussões tanto para fundamentar sua filosofia da pessoa quanto para desenvolver posteriormente sua antropologia filosófica do *homem capaz* em *Percurso do reconhecimento* (Ricoeur, 2006)

²⁷ O termo encarnação é proveniente da filosofia marceliana sobre sua concepção de homem concreto, no sentido da “situação de um ser que aparece a si mesmo como ligado fundamentalmente e não acidentalmente ao *seu* corpo”. (Marcel, 1997, p. 117, apud, Beato, 2016, p. 124).

²⁸ O termo *paradoxo*, entendido como duas afirmações (*doxa*: ideia) em estado de tensão (*para*: contra), é uma alusão à filosofia da existência de Karl Jaspers (1883-1969), filósofo, psiquiatra alemão e influente teórico das

implicações existenciais, pois diz respeito à situação concreta do ser humano, entendido em sua centralidade como pessoa. A pessoa é um todo unificado, é encarnada entre carne e criação. É ao mesmo tempo e em igual espaço: vocação de livre criação e um corpo material entre corpos materiais. Ricoeur insere uma nota de rodapé no trecho citado acima²⁹, evocando pela primeira vez Denis de Rougemont para corroborar sua argumentação sobre a corporeidade transitiva da pessoa. Segundo ele, o determinismo que condiciona as forças do sistema físico, mental e social conduzindo a natureza corporal do ser humano, é assimilado a uma atitude de desistência pessoal da ação livre e criadora. Isto porque a pessoa é seu corpo, sendo objetivamente encarnada, e por isso, materialmente condicionada³⁰.

Ademais, no excerto, “O paradoxo é frequentemente a única maneira de abordar o concreto” (*Idem*), essa abordagem da concretude é inspirada na tentativa filosófica, ensinada por Marcel, de alcançar o concreto da existência mediante a reflexão das próprias experiências cotidianas³¹. Dessa forma, a concretude da existência pessoal é somente apreendida por afirmações em estado de tensão – corpo material e ato criacional –, devido sua complexidade humana paradoxal, não caindo em um dualismo polar entre o físico e o imaterial. Nesse sentido, conforme Rougemont mencionado por Ricoeur, “A pessoa é a encarnação impensável da eternidade no tempo”³² (*Idem*). “Impensável”, pois não poderia ser rigorosamente entendida, justamente por conta do paradoxo, que é a encarnação; “da eternidade no tempo”, pois o ato instantâneo da pessoa exprime a eternidade na duração temporal. Portanto, da pessoa versus indivíduo à criação versus carne, Ricoeur nos leva a um conjunto de oposições tensionadas que encontram sua formulação maior no paradoxo da encarnação. (Silva; Pinto, 2024, p. 31).

Mesmo que a pessoa, por ser seu corpo for materialmente condicionada, sua relação com o determinismo é ambígua, pois em situações de crise, situações limite de um dilema existencial, a pessoa é quem suspende, rompe, quebra, o determinismo. Desse modo, a pessoa possui a capacidade de derrotar as previsões do estudo comportamental e da análise social, mediante sua ação imprevisível. Segundo Ricoeur, o ser humano é pessoal na medida em que impede que as ciências do homem (fisiologia, psicologia, sociologia) sejam objetivamente rigorosas, tornando-

primeiras fases do pensamento ricoeuriano, que trabalhou enfaticamente com a categoria do *paradoxo* (Ricoeur, 1947), caracterizado pela humilhação da lógica diante do mistério e do absurdo (Almeida, 2023, p. 42).

²⁹ Conforme a nota de Ricoeur, o artigo de Rougemont citado por ele como “*Destin du siècle ou Vocation de l’homme*”, na verdade é “*Destin du siècle ou vocation personnelle?*”, publicado em 1934, na Revista “*Foi et Vie*”. (cf. Rougemont, 1934a).

³⁰ Conforme Ricoeur explica anos depois, referindo-se a obra de Husserl, “[...] Pelo meu corpo eu me identifico com uma das coisas da natureza, com o corpo físico [*Körper*], que se torna corpo próprio [*Leib*], ao mesmo tempo que eu mesmo sou incorporado à natureza” (Ricoeur, 2009, p. 228, apud, Cavalheiro, 2019, p. 56).

³¹ Essa noção é justificado por outra frase de Ricoeur: “[...] o concreto é a última conquista do pensamento.” (Ricoeur, 1977, p. 283).

³² O trecho foi extraído do artigo “*Définition de la personne*”, página 375, publicado na Revista *Esprit* em 1934. (cf. Rougemont, 1934b).

as apenas aproximadas. Para ele, as ações humanas derivam relativamente da criação livre ou da previsibilidade do determinismo. Essa suspensão do determinismo³³ que a pessoa realiza mediante o ato criativo diante de situações de crise, é uma ideia proveniente da filosofia de Paul-Louis Landsberg (1901-1944), filósofo existencialista alemão, simpatizante do movimento personalista de Mounier. Conforme o historiador François Dosse afirma, “É em Paul-Louis Landsberg que ele [Ricoeur] encontra as vias de inserção da atitude no engajamento em tempos de crise.” (*Ibid.*, p. 28). Em sua curta resenha de 1951, divulgada na *Esprit*, sobre a obra de Landsberg publicada inicialmente em 1937, intitulada *Ensaio sobre a experiência da morte*, Ricoeur aponta que a reflexão do filósofo alemão “centrava-se sobre as linhas mestras da filosofia da pessoa: engajamento *histórico* do homem, ato *pessoal*, descoberta dos *valores* como ‘direções de nossa vida histórica’, transubjetividade dos valores no coração dos nossos engajamentos concretos.” (Ricoeur, 1996c, p. 155). Revelando, assim, mais uma de suas heranças intelectuais na construção filosófica de um tratamento sobre a noção de pessoa. Portanto, o que há de singular na qualidade existencial da pessoa, segundo os personalistas, é sua atitude inovadora de ruptura do determinado, a suspensão ativa daquilo que é dado. É nesse sentido que “a pessoa é quem faz falhar as leis [*met en défaut les lois*]” (p. 442).

A título de exemplo, Ricoeur aplica suas observações ao determinismo social do marxismo. O determinismo no marxismo, percebido por ele, consiste na ideia central de que a estrutura econômica do capitalismo determina a ideologia alienante na sociedade; isto, no entanto, é apenas aproximadamente verdadeiro, pois certas pessoas podem escapar às investidas do determinismo econômico, uma vez que “O determinismo é a lei de ferro de um mundo pecador bastante indiferente como um todo à vida sobrenatural” (*Manifeste de Terre Nouvelle*, apud, *Idem*). “[...] como um todo”, pois o determinismo radical, independentemente de ser o econômico ou não, consiste na afirmação de que não há mais pessoas para agir. Ao criticar o “determinismo marxista”, Ricoeur se refere ao manifesto político da *Terre Nouvelle*, do qual provém a frase anterior. *Terre Nouvelle* foi uma revista de extrema esquerda (Furia, 1935) promotora do socialismo cristão, movimento francês religioso de cunho revolucionário iniciado na década de 1880 (Baubérot, 1987). O Manifesto, ao qual Ricoeur se refere, foi publicado em 1935, sob a supervisão de três ativistas: Maurice Laudrain (1900-1989) católico, sindicalista e editor-chefe da revista, Henri Tricot (1852-1938) pastor e anarquista, e André Philip (1902-1970) protestante, economista e deputado (Blaser, 1999, p. 82).

³³ Sua crítica aos *determinismos*, inicialmente fundamentada na filosofia de Mounier, pode também ser elucidada biograficamente pelo fato de seu cumprimento obrigatório no serviço militar francês, no mesmo ano de publicação do texto. Conforme relata na entrevista biográfica de *A Crítica e a Convicção* (*Ibid.*, p. 23), foi um período de insatisfação pessoal e hostilidade intelectual.

Encerrando sua argumentação sobre o paradoxo da encarnação, Ricoeur estabelece uma tarefa específica para a pessoa diante dos determinismos que tendem a nos condicionar em diferentes direções: “carregar os fardos da carne e, às vezes, contornar o obstáculo.” (*Idem*). Em suma, a pessoa mediante sua capacidade de livre criação contorna os desafios e suspende o determinismo.

Na penúltima seção de seu texto, intitulada “Vocação, engajamento, testemunho”, Ricoeur indica os traços da manifestação prática da pessoa. É principalmente a partir de uma vocação, oriundo de um apelo, e uma responsabilidade ativa que a pessoa se revela. Para Ricoeur, a pessoa se manifesta inicialmente mediante uma vocação, na qual torna-se engajada a cumpri-la ao ouvir um apelo, um chamado. Vocação e engajamento são os dois traços iniciais da manifestação pessoal: um chamado utópico, um apelo religioso, um ímpeto teleológico ou imperativo deontológico, para o qual a pessoa é vocacionada, concede engajamento à tarefa a ser executada, testemunhando suas ações no tempo, isto é, concretizando-as na história. Assim, seus atos são testemunhos de sua vocação tornada engajada. A responsabilidade está no testemunho engajado da vocação. De certa forma, as ações testemunhadas comprometem a vocação da pessoa, pois revelam seu real engajamento. Nesse sentido, três são os traços práticos da manifestação responsável da pessoa: vocação, engajamento e testemunho. Para Ricoeur, o ponto extremo destes traços, poderíamos dizer, a situação limite deles, é o sacrifício – a livre entrega ao falecimento visando o bem de outrem – pois “a carne desaparece na ordem visível diante da vocação” (p. 443). No entanto, Ricoeur entra em um tema polêmico: o suicídio. Segundo ele, nesta ordem visível, discernível aos sentidos, o sacrifício é indistinguível do suicídio, e, no entanto, é *conceitualmente* sua antítese exata: “é a pura negação de toda vocação.” (*Idem*). Poderia o suicídio, ser caracterizado também pela indiferença ao testemunho e o desengajamento para com a vida?

Para além de difíceis especulações, o que constitui a pessoa, conforme o exposto até aqui? Segundo a argumentação ricoeuriana, aquilo que constitui a pessoa é: 1º) a concretização de um ato responsável, sendo este o testemunho engajado de sua vocação; 2º) a livre criação de uma nova situação no mundo; e, 3º) a individualização que compartilha do temperamento, do caráter e da mentalidade com outros corpos.

2.1.5: Por que a figura de Jesus é vista como o modelo da pessoa? (seç. 7)

No desfecho de seu ensaio, o jovem cristão protestante e iniciante filósofo francês começa com um sugestivo – para não dizer apelativo – título: “Conversão maravilhosa

[*Retournement merveilleux*]]. Para ele, o cristão, o sujeito crente no cristianismo, tem algo de essencial e subversivo a acrescentar a esta especulativa nota sobre a pessoa: “a pessoa só se completa na doação que faz de si mesmo a Deus.” (*Idem*). É de um modo invertido, talvez por isso “essencial e subversivo”, que o cristão lida com a vida, pois para criar, ele deixa-se criar, para viver, ele morre. Citando indiretamente o trecho bíblico do evangelho de Mateus (capítulo 10, verso 39), Ricoeur conduz o leitor a um dilema existencial e contraditório da conversão: quem perde, ganha. Segundo o filósofo, ao contrário do nietzschiano e do estoico que fecham a personalidade nela mesma e sobre a sua agressividade, o cristão entende que só possui aquilo que recebe de Deus, e, por isso, doa em amor ao próximo. Nesse sentido, o cristão sabe de seu “dom e tarefa” (Lauxen, 2013, p. 598). É a partir desse dom – retribuindo a dádiva de ser – e tarefa – realizando a entrega do eu, que “A pessoa se encontra no final de sua *desapropriação* [*dépossession*]³⁴ em Deus.” (*Idem*). O encontro da pessoa consigo mesma começa a partir de seu próprio desapego³⁵, no descentramento de si, doando-se a Deus para encontrar-se completamente desapropriada, pois “é na entrega ao ser divino, mediante a abnegação, que a pessoa encontra a plenitude de si.” (Silva; Pinto, 2024, p. 32).

Na conclusão do texto, Ricoeur evoca a figura de Jesus como modelo da noção de pessoa. Colocando-se gramaticalmente em primeira pessoa, ele inicia dizendo: “Sou mais pessoal quando menos penso em ser.” (p. 444). Isso acontece, explica o filósofo, pois a *pessoa* não é chamada por uma utopia, um mito ou mesmo um valor, ao contrário das “*melhores consciências* (religiosas ou não) que sempre sentiram que a sua tarefa era ouvir o *apelo* de alguma utopia, de algum mito, de algum valor” (p. 443, grifo próprio). De forma ousada Ricoeur afirma que a pessoa é chamada “[...] pelo supremo concreto, a Pessoa em si, Jesus ‘o limite *alcançado* da pessoa na história’³⁶. (Denis de Rougemont)” (p. 444). A evocação à figura de Jesus, mestre religioso fundador da fé cristã, pode ser explicada segundo os traços anteriores da argumentação do texto.

Tanto o *paradoxo da encarnação* (carne e criação) quanto os três traços práticos da pessoa (*vocação, engajamento, testemunho*) culminam na figura religiosa do Cristo, uma vez que esta “[...] é concebida como o limite alcançado pela pessoa na história, pois é o paradoxo, por excelência, da encarnação da eternidade no tempo; seu ato de engajamento testemunhado,

³⁴ Ao contrário de nossa primeira tradução provisória deste texto para elaboração de uma publicação de comentários (Silva; Pinto, 2024), em que escolhemos “desapego”, e diferentemente de Roberto Lauxen, que traduz por “desapossamento”, optamos por “desapropriação”, pois foneticamente soa melhor e conceitualmente visa o sentido de abrir-se a posse de si.

³⁵ Este descentramento do eu, a saída egocêntrica da pessoa, ecoa o primeiro dos cinco atos fundamentais que constituem a pessoa em seus laços comunitários, conforme Mounier expôs em sua obra *Personnalisme*: o “sair para fora de nós próprios” (Ibid., p. 55)

³⁶ Este trecho final foi extraído do já citado artigo de Rougemont (1934b, p. 376).

concretizado no instante do sacrifício, revela sua vocação – carne e criação.” (Silva; Pinto, 2024, p. 33). Essa é a razão deste ser o modelo da “Pessoa em si”, a figura de Jesus: não uma utopia, pois é o “limite alcançado”; não um mito, pois é uma “pessoa na história”; e não um valor, pois é o “supremo concreto”. É nesse sentido que a pessoa se encontra no fim de sua desapropriação em Deus – o Jesus divino da fé cristã, aquele que vocaciona pessoas a se “encontrarem”. Conforme Quan Kuang explica em sua nota editorial ao texto original de Ricoeur (Kuang, 1936): “A desposseção do cristão perante o Deus que o chama seria o caso mais extremo: para o cristão, é no dom de si a Deus que a sua pessoa se completa.” (p. 2, tradução livre).

2.2: Comentários críticos à *Nota sobre a pessoa*

Após ter apresentado comentários explicativos, descrevendo a argumentação ricoeuriana seção após seção, começaremos aqui nosso questionamento filosófico. O objetivo desta seção é elaborar comentários críticos a partir de indagações e provocações ao texto de Ricoeur, esboçando inquietações que este pequeno e inicial, mas intrigante e fecundo texto, nos suscitou. Poderíamos parafrasear o título do texto ricoeuriano denominando nosso questionamento de “para *além* de uma nota sobre a pessoa”³⁷, traçando assim, dois pontos críticos principais: 1º) a singularidade da noção de pessoa atrelada à livre ação criativa; 2º) o modelo da pessoa baseado na figura de Jesus. Esses dois pontos estruturam o cerne da reflexão ricoeuriana, isso significa que as outras categorias conceituais giram em torno deles. Dessa forma, para desenvolver nosso questionamento, dividirei os comentários em duas subseções de acordo com esses pontos principais.

Ricoeur começa seu texto advertindo sobre seu objetivo em mostrar apenas o lado especulativo da restauração da noção de pessoa, deixando de fora o aprofundamento em cruzar a argumentação filosófica e o discurso religioso, ou o esforço socialmente construtivo, como geralmente era feito na época³⁸. No entanto, aqui começa o primeiro questionamento: esse lado especulativo seria o que senão aquilo que constitui justamente a argumentação filosófica? Em qual área temática estaria inserida a apresentação textual de um lado especulativo sobre determinada questão? Literatura ensaística de jornal? É possível que ao escrever para o *Le Semeur*, jornal interdisciplinar de estudantes cristãos, Ricoeur estava ao mesmo tempo abrindo

³⁷ Este é o título do artigo já citado anteriormente (Silva; Pinto, 2024). Os comentários críticos que compõem esta segunda seção do capítulo 2, foram esboçados inicialmente nesta publicação. Partiremos deste texto publicado para aprimorarmos seu alcance crítico em nosso questionamento argumentativo.

³⁸ Anos depois, Ricoeur dedicará o primeiro estudo de *O si-mesmo como outro* (Ricoeur, 2014), obra publicada em 1990, à temática da pessoa. Investigada, no entanto, a partir de uma abordagem semântica da filosofia analítica.

caminho para sua entrada no personalismo e envolvendo tais leitores a refletir sobre tal noção a partir de sua fé. Independentemente do que exatamente seria “o lado especulativo”, veremos adiante que o filósofo não se restringe à argumentação filosófica, discutindo termos históricos, mas mobiliza categorias religiosas, de cunho cristão. Nesse sentido, por que Ricoeur não deixa explícito sua intenção final? Mais uma vez – ou melhor, já nas primeiras vezes – o filósofo francês oculta um discurso religioso em sua argumentação filosófica? Seria ele um *criptoteólogo*, isto é, um teólogo disfarçado de filósofo, conforme afirmavam seus críticos? (Ricoeur, 2014, XLI). Tais questões vão acompanhar todo percurso intelectual de Ricoeur³⁹. Porém, conforme Olivier Mongin afirma em sua nota editorial à obra *Leituras 3*, explicando a relação entre a produção filosófica e a formação religiosa do filósofo: “[...] a obra de Ricoeur não poderia ser reduzida a uma síntese entre o *logos* e a fé na medida em que ela põe em cena uma justaposição conflitual entre a filosofia e a não-filosofia [hermenêutica bíblica e/ou teologia]” (Mongin, 1996a, p. 11). Para eliminarmos qualquer tipo de confusão, resta-nos, portanto, “explicar mais para compreender melhor” (Ricoeur, 1988, p. 1) sua publicação prematura.

2.2.1: A singularidade da noção de pessoa atrelada à livre ação criativa

No início da primeira seção do texto, Ricoeur expõe seu problema central: “o que é uma pessoa” (p. 437). Após apresentar a ideia de indivíduo como aquilo que não é a pessoa, respondendo, assim, de forma negativa à questão, ele retoma seu problema e afirma de forma indicativa que a pessoa é, principalmente, quem reivindica um ato. A princípio, a noção de ato é o que pauta a singularidade da pessoa. No entanto, o indivíduo também realiza um ato, por mais que possa ser condicionado pelas três forças que o constituem (temperamento, caráter, mentalidade). O que realmente distingue o ato da pessoa da ação do indivíduo é o estado e o resultado dessa atitude. O ato da pessoa é no instante, o estado da pura posição do realizável. A ação do indivíduo é na duração do estado temporal previsível. O resultado é que “A pessoa é quem faz falhar as leis” (p. 442), o indivíduo, por outro lado, “obedece às leis do seu temperamento, do seu caráter, da sua mentalidade” (p. 440). Nesse sentido, a diferença entre pessoa e indivíduo pode ser compreendida no sentido do estado e do resultado de cada atitude.

³⁹ Em 1931, surgiu na França o debate em torno de uma “filosofia cristã”, inaugurado por Étienne Gilson (1884-1978), filósofo católico medievalista. Os interlocutores principais do debate foram Jacques Maritain (1882-1973), Émile Bréhier (1876-1952) e Maurice Blondel (1861-1949) (Lorda, 2017). Ricoeur, no entanto, ao longo de sua trajetória, sempre tentou manter as duas áreas – a crítica da razão filosófica e a convicção da confissão religiosa – separadas, rejeitando a titulação de filósofo cristão (Gagnebin, 1997, p. 269-270).

Dessa forma, a singularidade da noção de pessoa consiste, principalmente, em sua ruptura da previsibilidade mediante a ação instantânea. Assim, ela não é o indivíduo porque não pode ser analisada em termos determinadamente previsíveis das ciências positivas. No entanto, é justamente aqui que existe um possível impasse. Se a pessoa não é indivíduo, *objetivamente analisável*, poderia ser ela *elemento conceitual* de uma filosofia (p. 439)? Ao tornar-se noção significativa singular não é exatamente isso que Ricoeur opera, contradizendo sua própria conclusão repreensiva no final da seção 3, ao indicar a irreduzibilidade da pessoa? Ademais, estaria aí o motivo, a saída metodológica, de intitular seu ensaio na categoria de “Nota...”, uma vez que mobilizar tais conceitos – pessoa e ato –, criando sistemas sobre eles, é degradá-los conceitualmente, entificá-los de maneira metafísica? Em suma, como não tornar a singularidade da noção de pessoa em uma rígida essência abstrata?

A resolução ricoeuriana a tal problema parte das implicações do paradoxo da encarnação. A própria ideia de “encarnação” é problemática, pois pressupõem uma personalidade etérea e externa, e dá a entender que para que haja a encarnação, a alma, espírito ou entidade imaterial, anteriormente estava desencarnada do corpo, portanto, fora da realidade física. Mas isso recai em um problema metafísico ultrapassado: “alma desencarnada do corpo”? O simples fato da questão do “nascimento” – se é que semanticamente poderia substituir tal ideia – já traria maior clareza no entendimento. E, no entanto, é possível conjecturar que, para preservar o teor religioso, o filósofo francês permanece com tal expressão. Como já foi explicado, essa ideia vem do pensamento de Gabriel Marcel, para o qual a filosofia está envolta no problema e no mistério. Assim, as afirmações em estado de tensão entre a carne transitiva e a criação ativa (o paradoxo da encarnação), tornam a singularidade da noção de pessoa não em uma rígida essência abstrata, mas no absurdo da corporeidade pessoal, o mistério da concretude existencial.

A ruptura da previsibilidade efetuada pela pessoa, está atrelada à realização do ato único e instantâneo. Essa livre ação criativa consiste textualmente na complexa fórmula: “A pessoa *age* e não é acionada” (*Idem*). Em outras palavras, somente a pessoa efetua uma ação e não pode ser objetificada a tornar-se ação efetuada. Ela não pode ser acionada, como, por exemplo, um botão móvel. Aqui, fica claro que o embate de Ricoeur é contra as forças biológicas, psicológicas e sociológicas do determinismo das ciências positivas em suas dimensões física, mental e social. Ao contrário do determinismo previsível analisado na duração temporal, o ato é explicado por si e “exprime a eternidade” (p. 440). Seu ataque ao determinismo, portanto, é pautado em sua suspensão, efetuada pela ação instantânea de livre (“livre decisão”) criação (“crio algo no mundo”) da pessoa. No entanto, essa dimensão do ato, instantâneo e suspensivo, livre e criativo, levada adiante pelo filósofo não subestima demasiadamente os próprios “fardos da carne” (p.

442), os quais devem contornar obstáculos, isto é, desafios e problemas em situações de crise? O que exatamente o filósofo propõe: que a ação humana é absolutamente imprevisível? O alargamento crítico dessas questões será corroborado abaixo pelos traços da manifestação prática da pessoa: vocação, engajamento e testemunho.

Se conforme Ricoeur, “Sou uma pessoa quando EU faço o que faço” (p. 438), pois, minha ação é pautada na “minha livre decisão” (p. 439), então, a ação da pessoa é o que a define? Se o ato que a pessoa realiza é conformado à vocação recebida, logo, a livre decisão da ação estará sempre condicionada pela vocação, isto é, o chamado que a pessoa recebe para sua orientação na vida. Em outras palavras, ao acolher a vocação que lhe foi dada, a pessoa torna-se sujeita ao seu determinado chamado e seus atos manifestam apenas o que anteriormente a vocação orienta. Isso significa que de uma forma ou de outra, há um determinismo vocacional, e, portanto, sua ação não é tão imprevisível assim. Além do mais, seu engajamento, testemunhado por meio de seu ato que cria algo no mundo, é simplesmente limitado, pois seu “corpo entre corpos” (p. 441), restringe sua livre criação, uma vez que, a carne é materialmente finita, historicamente factível e existencialmente determinada pelas leis (Silva; Pinto, 2024, p. 35).

Ademais, resta uma complementar indagação à argumentação do autor. Se “A tarefa da pessoa é carregar os fardos da carne” (p. 442) e no sacrifício “a carne desaparece na ordem visível diante da vocação” (p. 443), é presumível que a tensão entre pessoa/criação versus indivíduo/carne, não necessariamente é desproporcional apenas pelo rompimento da previsibilidade comportamental em certas situações de crise, pois, o “ciclo fatal” da ação previsível da carne é rompido também pelo ato do sacrifício, sendo o sacrifício: testemunho, vocação e engajamento supremo da pessoa, uma vez que, é um ato de criação pelo qual conduz a carne a desaparecer. Porém, permanece o questionamento: seria o sacrifício, ou mesmo o suicídio – dada as devidas diferenças entre ambos, conforme indicado por Ricoeur –, o ato no instante que rompe o “ciclo fatal” da ação previsível da carne diante de situações de crise?

Em nossa análise crítica, a resposta argumentativa que o filósofo elabora como sendo o “paradoxo da encarnação”, é apenas inicialmente satisfatória para explicar a tensão entre indivíduo e pessoa, carne e criação, pois carece de maiores justificativas e aprofundamentos.

2.2.2: O modelo da pessoa baseado na figura de Jesus

Ricoeur parece ter deixado o objetivo de “sua nota especulativa” para a conclusão de seu ensaio. Endereçado a um público religioso, seu texto explica o que o cristão – atributo

contingente do sujeito, por ser uma decisão particular da pessoa – tem a acrescentar à sua argumentação: a pessoa alcança sua completude ao entregar-se a Deus. O caráter “essencial e subversivo” deste acréscimo, consiste no modo como o cristão lida com a vida, uma vez que, para criar, ele deixa-se criar, para viver, ele morre, para completar-se, ele se entrega. Isso é a “conversão maravilhosa”, expressão pesadamente religiosa e ousadamente apelativa. Não é preciso dizer que o ato de conversão é caro à tradição religiosa da fé cristã. Essa noção, entretanto, está fundamentada igualmente na filosofia personalista, voltada a um teor subversivo da “desordem estabelecida” (Mounier, 1962, p. 570, apud, Villela-Petit, 2005, p. 154) e um rompimento com a “crise de civilização” (Ricoeur, 1968, p. 137). Conforme Frederico aponta: “No início dos anos 30, o personalismo está [...] ligado à noção de uma pedagogia da vida comunitária relacionada a uma *conversão da pessoa*.” (Ibid., p. 47, grifo próprio). Nesse sentido, a utilização deste termo, justifica-se por dois motivos aparentes: i) a herança recebida do pensamento personalista, com seu fundo religioso; ii) o público-alvo do texto, os estudantes protestantes. A indagação que surge aqui é: somente o cristão poderia acrescentar algo de “essencial e subversivo” à noção de pessoa? A resposta ficará mais clara após Ricoeur apresentar a “Pessoa em si”...

Segundo o filósofo francês, o nietzschiano e o estoico – membros exemplares de correntes fatalistas – fecham a personalidade em si mesma, eliminando certa alteridade comunitária e abolindo qualquer relação pessoal com o sagrado. No entanto, o nietzschiano com sua “vontade de potência” em afirmar a vida ou o estoico com sua indiferença às emoções, recebendo naturalmente o destino, não acrescentariam igualmente uma característica especial à noção de pessoa? Uma característica tal que justificaria a responsabilidade pessoal diante da existência? Esse distintivo prático do cristão que Ricoeur afirma, expresso pelo “dom” que recebe de Deus e da “tarefa” de entrega a outrem, não é especificamente contrário à livre responsabilidade de reivindicar um ato criativo? É em sua desapropriação sacrificial que a pessoa é completa, entregando-se a Deus ela se encontra plenamente. Um detalhe importante deve ser levantado. A própria noção de pessoa foi desenvolvida teoricamente pela fé cristã, nas vias teológicas da doutrina da trindade divina (Vaz, 2020, p. 392). Portanto, é possível que com esse entendimento, Ricoeur insere o modelo da pessoa baseado na figura de Jesus.

Todas as categorias argumentativas do texto (vocação, engajamento, testemunho, sacrifício, encarnação, criação, carne) convergem, direta ou indiretamente, para este emblemático modelo. É por isso que a pessoa se encontra no fim de sua desapropriação em Deus, pois este é representado na figura de Jesus – o Deus-homem. Mas o que explica o fato da pessoa ser mais pessoal especialmente quando chamada por Jesus e não por uma utopia, um

mito ou um valor? Não seria Jesus tudo isso: utopia, mito e valor? Uma vez que, uma utopia é também um possível “limite alcançado” na sociedade, um mito é oriundo de uma “pessoa na história” sendo narrada, o valor manifesta-se no “supremo concreto” da ação prática. Segundo Ricoeur, as “*melhores consciências* (religiosas ou não)” (p. 442-3) entendiam que a sua tarefa era escutar o apelo de alguma utopia, de algum mito, de algum valor pelo qual tornavam-se responsáveis. Entretanto, de modo diferente a essas consciências, o cristão ouve o apelo da “Pessoa em si” (p. 444). Esse apelo, proveniente da figura de Jesus, não é justamente o modelo inatingível, distante e ultrapassado de pessoa? Inatingível, pois reivindica ser divino. Distante, pois é temporalmente longínquo. Ultrapassado, pois é culturalmente situado.

Para encerrar nosso questionamento de comentários críticos, nota-se que o problema em torno dessa concepção filosófico-religiosa de pessoa, é que as implicações da figura de Jesus como modelo de pessoa são endereçadas especial e unicamente ao cristão. Ser pessoa, para o cristão, é um movimento mútuo de atuação baseado na figura do Cristo: receber um chamado e entregar-se no ato, cumprir uma vocação e doar-se na ação, engajar-se a abrir mão, testemunhar se sacrificando, isso é a conversão maravilhosa. Nesse sentido, o problema central que guiou a argumentação ricoeuriana desde o início do texto foi respondido, ele apresentou o que é e o que não é uma pessoa. Porém, esse acréscimo conclusivo apresentando tal modelo, ao mesmo tempo que altera o alcance de aplicação antropológica da noção de pessoa, também restringe a identificação individual com os traços práticos de tal noção.

Considerações finais

O ponto de partida deste trabalho foi apresentar a tradução comentada do texto ensaístico de Paul Ricoeur. No capítulo um, encontra-se a tradução integral do texto, conforme as sete seções argumentativas do autor, juntamente às inclusões das notas de rodapé. No capítulo dois, estão situados os dois tipos de comentários: i) explicativos, descrevendo detalhadamente a argumentação sucessiva do filósofo; e ii) críticos, questionando de forma interrogativa tal argumentação. Basicamente, o objetivo destes comentários foi complementar a tradução metodologicamente, trazendo clareza textual – mediante a explicação – e reflexão crítica – mediante a problematização filosófica.

A tradução foi elaborada observando o rigor metodológico de revisão linguística e a adequação à compreensão argumentativa, ou seja, analisamos o conteúdo e a forma do texto para produzirmos uma tradução adequada. Nosso trabalho buscou oferecer a compreensão fiel aos termos ricoeurianos em seu sentido original, priorizando, ao mesmo tempo, a clareza semântica e a coesão estrutural na experiência da leitura. Acreditamos que nossa tradução comentada apresenta o pensamento prematuro do filósofo – compondo as bases do que viria a ser sua filosofia da pessoa (Ricoeur, 2014), ressoando em sua antropologia filosófica do *homem capaz* (Ricoeur, 2006) – e promove a discussão sobre o valor conceitual da noção de pessoa.

No entanto, para fins bibliográficos, resta perguntarmos: a argumentação ensaística de Ricoeur em *Nota sobre a pessoa*, está inserida em um desenvolvimento prematuro de uma “filosofia da pessoa” ou é a base inicial de sua antropologia filosófica do *homem capaz*? Da resposta à primeira linha temática, notamos posteriores diferenças nos escritos de Ricoeur da década de 80/90, como a noção de *atitude*, não mais influenciada pelo personalismo de Landsberg (Landsberg, 1968), mas agora emprestada de Éric Weil (1904-1977), filósofo hegeliano franco-alemão (Ricoeur, 1996d, p. 158). Quanto à segunda linha, uma das expressões do *homem capaz* – ou, como diz Ricoeur, o segundo uso da forma modal “eu posso”, fenomenologicamente analisado – é justamente sua capacidade de agir, “fazer ocorrer acontecimentos” (Ricoeur, 2006, p. 111-4). Nesse sentido, podemos perceber a dupla influência – e não apenas a mera inserção conceitual em uma ou outra linha temática – do texto *Nota...* no desenvolvimento posterior do pensamento ricoeuriano, especialmente com a noção de ato.

Concluo esta pesquisa indicando, preliminarmente, uma das possíveis implicações positivas da noção filosófica de pessoa a partir do pensamento ricoeriano apresentado neste texto. Uma destas possíveis implicações, refere-se ao campo jurídico do direito, uma vez que, a violação dos direitos humanos no contexto nacional tem aumentado. Um dos princípios destes direitos, exposto na Constituição Federal Brasileira, consiste justamente na “dignidade da

peessoa humana” (Art. 1, III). Nesse sentido, a importância de pautar a dignidade da pessoa, atravessa, inicialmente, a discussão filosófica a respeito do valor conceitual desta noção. A singularidade da noção de pessoa para Ricoeur, como percebermos, consiste, acima de tudo, na reivindicação do ato – único, instantâneo e criativo. Portanto, a dignidade da pessoa humana, poderia ser pensada a partir de seu ato testemunhal de uma vocação livremente engajada.

No presente trabalho nada foi desenvolvido sobre o que é e onde reside a dignidade da pessoa humana. Pelo contrário, o que aqui foi exposto consiste unicamente na tradução comentada de *Nota sobre a pessoa*. E, no entanto, a promoção indireta da discussão filosófica sobre o valor da noção de pessoa permanece aberta à reflexão⁴⁰.

⁴⁰ Em seu artigo de 1983, o filósofo afirma categoricamente: “Prefiro dizer *peessoa* em vez de *consciência, sujeito, eu.*” (Ricoeur, 1996d, p. 158, grifo próprio). Poderíamos acrescentar a esta lista a categoria de *indivíduo*, objeto sem identificação e particularmente padronizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, André Francisco Marques de. **TRADUÇÃO DA LIÇÃO INAUGURAL DE MARTIAL GUEROULT NO COLLÈGE DE FRANCE**. (Trabalho de conclusão de curso) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Filosofia, MS, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6022>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- ALMEIDA, Frederico Soares de. **O homem capaz e a antropologia filosófica de Paul Ricoeur**. São Paulo: Edições Loyola, 2023. (Coleção filosofia; 105).
- AVOLIO, Jelssa Ciardi. **Michaelis: minidicionário francês-português, português-francês**. São Paulo, SP: Melhoramentos, 2010.
- AVOLIO, Jelssa Ciardi. **Michaelis Francês gramática prática**. São Paulo, SP: Melhoramentos, 2006.
- BAUBÉROT, Jean. Le Christianisme social français de 1882 à 1940: Évolution et problèmes. **Revue d'Histoire et de Philosophie religieuses**, vol. 67, Année 1987/2, p. 155-179. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhpr_0035-2403_1987_num_67_2_4909. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BEATO, José. Encarnação, Atestação e Esperança: Paul Ricoeur Leitor de Gabriel Marcel. *In*: PORTOCARRERO, Maria Luísa; BEATO, José. **Ricœur em Coimbra: recepção filosófica da sua obra**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/44306>. Acesso em: 07 nov. 2024. 113-154. p. 113-154.
- BLASER, Klauspeter. Du christianisme social au socialisme chrétien. **Autres Temps**, Année 1999, 62, pp. 75-84. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/chris_0753-2776_1999_num_62_1_2129. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BLAY, Michel. (Org.). **Grand Dictionnaire de la Philosophie**. Paris: Larousse, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12 nov. 2024.
- CARNEIRO, José Vanderlei; OLIVEIRA, Rita de Cássia; TIELLET, Claudia Aita (Org.). **Filosofia da pessoa no pensamento de Paul Ricoeur**. Teresina: EDUFPI, 2023.
- CAVALHEIRO, Renan Maschio. Carne/corporeidade. *In*: XAVIER, José Donizete (Org.). **Paul Ricoeur de A a Z: uma contribuição de estudantes para estudantes**. 1. ed. São Paulo: Distribuidora Loyola, 2019. p. 55-7.
- Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales**. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DEEPL. **DeepL Translate**. Disponível em: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator#fr/pt/met%20en%20d%C3%A9faut>. Acesso em: 22 jul. 2024.

Dicionário Moderno de Francês-Português. Portugal, Porto: Porto Editora, 2012. (Dicionários modernos).

Digital Ricoeur. **Digital Ricoeur Portal**. 2024. Disponível em: <https://www.digitalricoeurportal.org/digital-ricoeur/open-sources.php>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DOSSE, François. **Paul Ricoeur: um filósofo em seu século**. Tradução: Eduardo Lessa Peixoto de Azevedo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.

FISCHER, Francisco Díez. La paradoja de la persona: aventuras de un substantivo. *In*: CARNEIRO, José Vanderlei; OLIVEIRA, Rita de Cássia; TIELLET, Claudia Aita (Org.). **Filosofia da pessoa no pensamento de Paul Ricoeur**. Teresina: EDUFPI, 2023. p. 135-167.

Fonds Ricoeur. **Centre Documentaire de L'IPT-Paris Bibliothèque Raoul-Allier Fonds Ricoeur**. 2024. Disponível em: <https://fondsricoeur.ipt-edu.fr/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FURIA, Paolo. Note éditoriale. *In*: RICŒUR, Paul. L'appel de l'action. Réflexions d'un étudiant protestant. **Terre nouvelle**, n. 2, juin, 1935, p. 7-9. Disponível em: <https://bibnum.explore.psl.eu/s/psl/ark:/18469/21qds>. Acesso em: 10 set. 2024.

GAGNEBIN, J. M. Uma filosofia do cogito ferido: Paul Ricoeur. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 30, p. 261-272, maio, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/n93Gdy5VksMbGtqWyZt3cHt/#>. Acesso em: 12 nov. 2024.

GÁLVEZ, José A. (Org.). **Dicionário Larousse francês/português, português/francês: mini**. 2. ed. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

GREGÓIRE, Maïa; THIÉVENAZ, Odile. **Grammaire Progressive du Français**. 3^a ed. Paris: CLE International, 2013.

GRONDIN, Jean. **Paul Ricoeur**. Tradução: Sybil Safdie Douek. São Paulo: Edições Loyola, 2015. (Coleção leituras filosóficas).

JERVOLINO, Domenico. **Introdução a Ricoeur**. Tradução: José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Filosofia em questão).

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Migajas filosóficas - o un poco de filosofia**. Tradução: Rafael Larrañeta. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

KUANG, Quan. Note éditoriale. *In*: RICOEUR, Paul. Note sur la personne. **Le Semeur**, n. 7, mai, 1936, p. 437-444 [Fonds Ricoeur, IIA002]. Disponível em: <https://bibnum.explore.psl.eu/s/psl/ark:/18469/w2w8>. Acesso em: 10 set. 2024. p. 1-3.

LACROIX, Jean. **Marxismo, existencialismo, personalismo: presença da eternidade no tempo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. Tradução: Fátima Sá Correa et. al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LANDSBERG, Paul-Louis. Algumas Reflexões Sobre o Conceito Cristão de Pessoa. *In*: LANDSBERG, Paul-Louis. **O sentido da ação**. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1968. p. 7-19.

LAUXEN, Roberto Roque. PESSOA E PROMESSA EM PAUL RICOEUR: NO CAMINHO DAS INSTITUIÇÕES JUSTAS. **Colóquio do Museu Pedagógico**. X Colóquio do Museu Pedagógico - Resumos Expandidos, Vol. 10, No 1, p. 595-607, 2013. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/search/authors/view?firstName=Roberto%20Roque&middleName=&lastName=Lauxen&affiliation=UESB%20FMP&country=>. Acesso em 05 nov. 2024.

LINGUEE. Linguee | Dicionário francês-português e outros idiomas. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/>. Acesso em 20 out. 2024.

LORDA, Juan Luis. O Debate sobre Filosofia Cristã (1931). **OMNES**. 21 de Novembro de 2017. Disponível em: <https://www.omnesmag.com/pt/recursos-3/christian-philosophy-debate-1931/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MARCEL, Gabriel. **Entretiens Paul Ricoeur Gabriel Marcel**. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1998.

MONGIN, Olivier. Nota editorial. *In*: RICOEUR, Paul. **Leituras 3**. Nas fronteiras da filosofia. Tradução: Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996a. p. 7-11.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia. TOMO III (K-P)**. Tradução: Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno, Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução: João Bénard da Costa. Lisboa: Livraria Martins Fontes, 1973.

RICOEUR, Paul. Abordagens da pessoa (1990). *In*: RICOEUR, Paul. **Leituras 2**. A Região dos Filósofos. Tradução: Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996b. p. 163-180

RICOEUR, Paul. **A Crítica e a convicção** (conversas com François Azouvi e Marc de Launay). Tradução: Antonio Hall. Lisboa, Edições 70, 2009.

RICOEUR, Paul. **Autobiografia Intelectual**. Tradução: Patricia Willson. Argentina, Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação**: Ensaio sobre Freud. Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977.

RICOEUR, Paul. *Ensaio sobre a experiência da morte* de P.-L. Landsberg (1951). *In*: RICOEUR, Paul. **Leituras 2**. A Região dos Filósofos. Tradução: Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996c. p. 151-154.

RICOEUR, P. **Gabriel Marcel et Karl Jaspers: philosophie du mystère et philosophie du paradoxe.** Paris: Temps Présent, 1947.

RICOEUR, Paul. Morre o personalismo, nasce a pessoa... (1983) *In*: RICOEUR, Paul. **Leituras 2.** A Região dos Filósofos. Tradução: Marcelo Perine e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 1996d. p. 155-162.

RICOEUR, Paul. Note sur la personne. **Le Semeur**, n. 7, mai, 1936, p. 437-444 [Fonds Ricoeur, IIA002]. Disponível em: <https://bibnum.explore.psl.eu/s/psl/ark:/18469/w2w8>. Acesso em: 10 set. 2024.

RICOEUR, Paul. PRIMEIRO ESTUDO. A “pessoa” e a referência identificadora - abordagem semântica. *In*: RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro.** Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014. p. 1-18.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento.** Tradução: Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. Emmanuel Mounier: uma filosofia personalista. *In*: RICOEUR, Paul. **História e Verdade.** Rio de Janeiro: Forense, 1968, p. 135-165.

RICOEUR, Paul. **Philosophie de la Volonté.** Le Volontaire et L'involontaire. Paris: Aubier, 1950.

RICOEUR, Paul. **Réflexion faite: autobiographie intellectuelle.** Paris: Esprit, 1995.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução.** Tradução: Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RICOEUR, Paul. “Paul Ricoeur. Agir, diz ele”. Entrevista com Eric Plouvier publicada na revista Politis, 7 de Outubro, 1988. Universidade de Coimbra. **IEF - Instituto de Estudos Filosóficos.** Textos traduzidos de Paul Ricoeur. p. 1-9. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_traduzidos_paul_ricoeur. Acesso em 13 nov. 2024.

REAGAN, Charles E. **Paul Ricoeur: his life and his work.** USA, Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

ROUGEMONT, Denis de. Destin du siècle ou vocation personnelle?. **Foi et Vie**, Paris, février–mars, p. 143-157, 1934a. Disponível em: <https://www.foi-et-vie.fr/archive/article.php?code=4700>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ROUGEMONT, Denis de. Définition de la personne. **Esprit**, Paris, décembre, p. 368-382, 1934b. Disponível em: <https://esprit.presse.fr/article/rougemont-denis-de/definition-de-la-personne-33701>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ROUGEMONT 2.0a. Denis de Rougemont, l'intégrale en ligne. **Le Semeur (1933-1949).** Articles. L'université de Genève. Global Studies Institute. Disponível em: <https://www.unige.ch/rougemont/articles/sem>. Acesso em: 01 nov. 2024.

ROUGEMONT 2.0b. Denis de Rougemont, l'intégrale en ligne. **Biographie**. L'université de Genève. Global Studies Institute. Disponível em: <https://www.unige.ch/rougemont/bio>. Acesso em 10 out. 2024.

SILVA, Pedro H. C.; PINTO, Weiny C. F.. PARA ALÉM DE UMA NOTA SOBRE A PESSOA. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 27–36, 2024. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v14i28.5341. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/5341>. Acesso em: 25 abr. 2024.

TIELLET, Claudia Aita. A PESSOA NA OBRA DE PAUL RICOEUR: TAREFA ENTRE CONHECIMENTO DE SI E RECONHECIMENTO DO OUTRO. *In*: CARNEIRO, José Vanderlei; OLIVEIRA, Rita de Cássia; TIELLET, Claudia Aita (Org.). **Filosofia da pessoa no pensamento de Paul Ricoeur**. Teresina: EDUFPI, 2023. p. 65-94.

TIELLET, Claudia Aita. **SEGUNDA PESSOA E CASOS-LIMITE EM PAUL RICOEUR**. Tese (doutorado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23314>. Acesso em: 06 abr. 2024.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

VILLELA-PETIT, Maria da Penha. EMMANUEL MOUNIER: UM PENSAMENTO EM AÇÃO (POR OCASIÃO DO CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO). **Síntese**: Revista de Filosofia, [S. l.], v. 32, n. 103, p. 149-167, 2005. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/2980>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO E TRADUÇÃO

*Nota sobre a pessoa (1936) - Paul Ricoeur***Note sur la personne**

Nous assistons en ce moment à la restauration de la notion de personne; cette restauration se situe le plus souvent au carrefour d'un approfondissement philosophique et religieux, et d'un effort socialement constructif. Je n'en montrerai aujourd'hui que la face spéculative.

Nota sobre a pessoa

Assistimos atualmente à restauração da noção de pessoa; essa restauração situa-se, na maior parte das vezes, na encruzilhada de um aprofundamento filosófico e religioso, e de um esforço socialmente construtivo. Mostrarei hoje apenas o lado especulativo disso.

1. La personne et l'individu

Qu'est-ce qu'une personne? Nous pouvons en avoir une idée négative en l'opposant à ce qui n'est pas la personne.

Depuis ma naissance, je suis lié à un corps, c'est-à-dire à un système de forces biologiques, psychologiques, sociologiques que je n'ai pas choisies, que je n'ai pas faites.

Les forces biologiques assurent un équilibre vital (régulé par un système de sécrétions internes, etc.) et tendent à me donner un certain *tempérament*. La personne n'est pas le tempérament.

Les forces psychologiques sont un système d'habitudes, de tendances, d'instincts, pour une part hérités, pour part grossis des acquisitions individuelles; ce capital mental prolonge mon tempérament pour en faire un *caractère*; la personne n'est pas le caractère.

1. A pessoa e o indivíduo

O que é uma pessoa? Podemos ter uma ideia negativa, contrastando-a com o que não é a pessoa.

Desde o meu nascimento estou ligado a um corpo, isto é, a um sistema de forças biológicas, psicológicas, sociológicas que não escolhi, que não criei.

As forças biológicas asseguram um equilíbrio vital (regulado por um sistema de secreções internas etc.) e tendem a dar-me um certo *temperamento*. A pessoa não é seu temperamento.

As forças psicológicas são um sistema de hábitos, de tendências, de instintos, em parte herdados, em parte ampliados pelas aquisições individuais; esse capital mental prolonga meu temperamento para formar um *caráter*; a pessoa não é seu caráter.

Mon caractère ne se développe pas comme une plante de serre; il se nourrit des apports d'un milieu économique, social, moral, religieux; une certaine *mentalité* marque son empreinte sur mon caractère: foyer pauvre, milieu d'affaires ou d'intellectuels, climat religieux, atmosphère de désinvolture, ou de sécheresse morale. Un « on » tyrannique, me pétrit, me forme. Mais dans la mesure où ce que je fais s'explique par ces forces anonymes, je ne suis pas une personne.

Si j'appelle *individu* le tempérament prolongé par le caractère, couronné par la mentalité, je dirai *la personne n'est pas l'individu*.

2. La personne et la science

Faisons un pas de plus: le tempérament, le caractère, la mentalité obéissent à des lois plus ou moins approchées; cela veut dire que toutes les fois que certaines conditions sont données, je peux *prévoir* certains effets. Ce qui n'est pas la personne est *objet de science*, est prévisible. Dans la mesure où l'homme est objet de science il n'est pas une personne.

Meu caráter não se desenvolve como uma planta de estufa: nutre-se das contribuições de um ambiente econômico, social, moral e religioso; uma certa *mentalidade* deixa sua marca em meu caráter: um lar pobre, um ambiente profissional ou intelectual, um clima religioso, uma atmosfera informal ou de frieza moral. Um “nós” tirânico me molda, me forma. Mas na medida em que o que eu faço é explicado por estas forças anônimas, eu não sou uma pessoa.

Se chamo de *indivíduo* o temperamento prolongado pelo caráter, coroado pela mentalidade, direi que *a pessoa não é o indivíduo*.

2. A pessoa e a ciência

Vamos dar um passo além: o temperamento, o caráter, a mentalidade obedecem a leis mais ou menos aproximadas; isto significa que toda vez que certas condições são dadas, posso *prever* certos efeitos. O que não é a pessoa é *objeto da ciência*, é previsível. Na medida em que o homem é um objeto da ciência, ele não é uma pessoa.

3. L'acte et la personne

Qu'est-ce donc que la personne? Je suis personne quand JE fais ce que je fais, c'est-à-dire, au sens radical, et radicalement actif du mot faire; quand ce que je fais s'explique non par toutes les forces déterminées, mais par *moi*, par ma libre décision. La personne *agit* et n'est pas agie. La notion d'acte est évidemment une clef de l'idée de personne. La personne c'est ce qui revendique un certain acte, ce qui se solidarise avec cet acte, en assume les conséquences, en est responsable. Avouons-le, ici, les mots cassent; nous arrivons dans un domaine où selon le mot de Descartes nous pouvons « toucher » mais non « embrasser », comme on fait une montagne. Il est certain que l'acte ne peut être saisi du dehors, mais n'est acte que pour l'agent, ou celui qui peut sympathiser comme du dedans avec lui. La personne c'est *Moi*, et *Toi*, et jamais *Lui* ou quelqu'un; l'acte c'est *mon* acte, *ton* acte, mais jamais *un* acte. De personnalité, l'acte se dégrade en geste. Dès lors, acte et personne sont irréductibles à toute démarche métaphysique qui consisterait à les traiter comme des objets, des entités, voire même des existences, et à construire sur eux un système. L'acte et la personne, à la différence des essences et des valeurs, ne peuvent pas être les *éléments d'une philosophie*⁴¹.

3. O ato e a pessoa

O que é, então, a pessoa? Sou uma pessoa quando EU faço o que faço, isto é, no sentido radical e radicalmente ativo da palavra fazer; quando o que faço é explicado não por todas as forças determinadas, mas por *mim*, pela minha livre decisão. A pessoa *age* e não é acionada. A noção de ato é evidentemente uma chave para a ideia de pessoa. A pessoa é quem reivindica um certo ato, quem se solidariza com esse ato, assume suas consequências, é responsável por ele. Admitamos, aqui as palavras se quebram; chegamos a um domínio onde, segundo as palavras de Descartes, podemos “tocar”, mas não “abraçar”, como fazemos com uma montanha. É certo que o ato não pode ser apreendido de fora, mas é um ato apenas para o agente, ou para aquele que pode, como que de dentro, simpatizar com ele. A pessoa sou *Eu* e *Você*, e nunca *Ele* ou alguém; o ato é *meu* ato, *seu* ato, mas nunca *um* ato. De personalidade, o ato se degrada em gesto. Portanto, ato e pessoa são irreductíveis a qualquer abordagem metafísica que consistiria em tratá-los como objetos, entidades, ou até mesmo existências, e a construir um sistema sobre eles. O ato e a pessoa, ao contrário das essências e dos valores, não podem ser *elementos de uma filosofia*⁴².

⁴¹ En ce sens Gabriel Marcel écrivait récemment: « Je dénie pour ma part entièrement au philosophe tout pouvoir dictatorial sur des idées de ce genre ». *Recherches philosophiques* 1934-35. Dire par exemple: la personne c'est l'acte, c'est *disposer* de ces deux notions, comme on manie des objets. Au reste c'est à un pareil défaut que toute la suite de cette note se heurte. Personne et acte sont des verbes: « j'agis ». En parler c'est les ériger en substantifs, en entités, et les dégrader.

⁴² Neste sentido, Gabriel Marcel escreveu recentemente: “Da minha parte, nego inteiramente ao filósofo todo poder ditatorial sobre ideias deste tipo”. *Recherches philosophiques* 1934-35. Dizer por exemplo: a pessoa é o ato, é *dispor* dessas duas noções da mesma forma como lidamos com objetos. De resto, é uma falha semelhante que todo o restante desta nota enfrenta. Pessoa e ato são verbos: “eu ajo”. Falar sobre eles é colocá-los como substantivos, como entidades, e degradá-los.

4. L'acte et l'instant

L'acte, disent les personalistes, n'est pas dans le temps, mais dans l'instant. Cette idée peut être approchée par le biais suivant: l'individu obéit aux lois de son tempérament, de son caractère, de sa mentalité. Or ce qui est déterminé est dans le temps: en ce sens que le présent s'explique par le passé et rend raison du futur. Au contraire l'acte vrai s'explique par soi, il est en quelque façon étranger aux implications de la durée; il est position pure; il est l'instant opposé à la durée.

Bien plus, s'il est vrai que l'instant opposé au temps, est homogène à l'éternité, et en est, dans le temps, la seule approximation, on peut dire que l'acte exprime l'éternité.

5. La personne et l'incarnation

Mais, dira quelqu'un, je suis une personne; cela n'empêche point que je n'aie tempérament, caractère, mentalité. Vous avez opposé ces deux faces de l'homme. Comment les raccordez-vous?

4. O ato e o instante

O ato, dizem os personalistas, não está no tempo, mas no instante. Essa ideia pode ser tratada da seguinte maneira: o indivíduo obedece às leis do seu temperamento, do seu caráter, da sua mentalidade. Mas o que é determinado está no tempo: no sentido de que o presente se explica pelo passado e dá razão ao futuro. Ao contrário, o verdadeiro ato é explicado por si, ele é de alguma forma estranho às implicações da duração; é pura posição; é o instante oposto à duração.

Mais que isso, se é verdade que o instante oposto ao tempo é homogêneo à eternidade, e é no tempo, a única aproximação, é possível dizer que o ato exprime a eternidade.

5. A pessoa e a encarnação

Mas, alguém pode dizer, eu sou uma pessoa; isso não me impede de ter temperamento, caráter, mentalidade. Você opôs essas duas faces do homem. Como você as une?

Précisément : il est temps de surmonter le point de vue du dualisme hérité de Descartes : je ne suis pas d'un côté âme, de l'autre côté corps, – d'un côté personne, de l'autre côté individu. Je suis un tout unifié. Je suis chair. Ce qui signifie : je suis en même temps vocation libre (et je crée quelque chose dans le monde), et je suis en même temps un corps parmi les corps. C'est le paradoxe central de la notion de personne : le *paradoxe de l'incarnation*⁴³. Ce paradoxe a une portée existentielle, en ce sens qu'une certaine situation concrète, la situation la plus concrète de l'homme ne peut être appréhendée que par le biais de deux affirmations en état de tension. Le paradoxe est même le plus souvent la seule façon d'approcher le concret. « La personne est l'impensable incarnation de l'éternité dans le temps » (D. De Rougemont).

Precisamente: é hora de superar o ponto de vista do dualismo herdado de Descartes: não sou de um lado alma, do outro lado corpo, – de um lado pessoa, do outro lado indivíduo. Eu sou um todo unificado. Eu sou carne. O que significa: eu sou ao mesmo tempo vocação livre (e crio algo no mundo), e sou ao mesmo tempo um corpo entre corpos. Este é o paradoxo central da noção de pessoa: o *paradoxo da encarnação*⁴⁴. Este paradoxo tem um alcance existencial, no sentido de que uma determinada situação concreta, a situação mais concreta do homem, só pode ser apreendida mediante duas afirmações em estado de tensão. O paradoxo é, na verdade, frequentemente a única maneira de abordar o concreto. “A pessoa é a encarnação impensável da eternidade no tempo” (D. de Rougemont)

⁴³ Trop souvent on tend à sous-estimer les servitudes réelles liées à la nature corporelle de l'homme. Dans son article: « Destin du siècle ou Vocation de l'homme », D. de Rougemont, assimile le déterminisme à une *attitude* de démission, et cherche « l'origine permanente et virtuelle des dictatures, dans un fléchissement en nous du sens de notre destinée personnelle ». Je crois que notre vocation est conditionnée par les *permissions* objectives du physique, du mental et du social. Et cela, parce que *je suis mon corps*. A. Comte a raison: mettez le plus grand philosophe du monde la tête en bas; il cessera de raisonner.

⁴⁴ Muito frequentemente tendemos a subestimar as verdadeiras servidões ligadas à natureza corporal do homem. No seu artigo: “Destin du siècle ou Vocation de l'homme”, D. de Rougemont assimila o determinismo a uma *attitude* de desistência, e procura “a origem permanente e virtual das ditaduras, em um enfraquecimento em nós do sentido do nosso destino pessoal”. Eu acredito que a nossa vocação é condicionada pelas *permissões* objetivas do físico, do mental e do social. E isso, porque *eu sou meu corpo*. A. Comte tem razão: coloque o maior filósofo do mundo de cabeça para baixo; ele vai parar de raciocinar.

Mais le « raccord » de la personne et du déterminisme peut dans certaines situations de *crise* apparaître sous les traits d'une opposition: dans certaines crises, la personne est ce qui *suspend* le déterminisme. La personne est alors capable de mettre en échec les prévisions de la caractérologie et de la sociologie. « Qui a bu boira » dit la science de l'homme, jusqu'au jour où une personne rompt le cercle fatal. Dès lors l'homme est personnel dans la mesure où il empêche les sciences de l'homme d'être rigoureuses.

Autrement dit, mes actions relèvent plus ou moins de la création ou du déterminisme selon que j'agis ou que je suis faible, que je m'affirme ou que je démissionne: si je suis faible, si je suis esclave, le déterminisme est absolument vrai. La personne est ce qui met en défaut les lois. Elle les contraint de n'être qu'approximatives, car la rigueur des lois mesure notre dégénérescence.

On peut appliquer ces remarques au déterminisme marxiste: Marx dit que la structure économique pèse lourdement sur l'idéologie au point de la déterminer; ceci est vrai; mais ceci n'est vrai qu'*en gros*: « Dans l'état présent, seules quelques âmes échappent à l'emprise du déterminisme économique. Le déterminisme est la loi d'airain d'un monde pécheur assez indifférent dans son ensemble à la vie surnaturelle » (Manifeste de Terre Nouvelle). Je dis: *dans son ensemble*; car un déterminisme radical signifie qu'il n'y a plus de personnes pour agir. Les déterminismes *tendent* à nous pousser dans tel ou tel sens, comme une pesanteur. La personne a pour tâche d'entraîner les lourdeurs de la chair, et parfois de tourner l'obstacle.

Mas a “relação” da pessoa com o determinismo pode, em certas situações de *crise*, aparecer sob os traços de uma oposição: em certas crises, a pessoa é quem *suspende* o determinismo. A pessoa é então capaz de falhar as previsões da caracterologia e da sociologia. “Quem bebeu beberá”, diz a ciência do homem, até o dia em que a pessoa rompe o círculo fatal. A partir de então, o homem é pessoal na medida em que impede que as ciências do homem sejam rigorosas.

Em outras palavras, as minhas ações derivam mais ou menos da criação ou do determinismo, dependendo se ajo ou se sou falível, se me afirmo ou se desisto: se sou falível, se sou escravo, o determinismo é absolutamente verdadeiro. A pessoa é quem faz falhar as leis. Ela as obriga a serem apenas aproximativas, porque o rigor das leis mede a nossa degeneração.

Podemos aplicar estas observações ao determinismo marxista: Marx diz que a estrutura econômica pesa fortemente sobre a ideologia a ponto de a determinar; isto é verdade; mas isto é verdade apenas em *linhas gerais*: “No estado atual, apenas algumas almas escapam ao domínio do determinismo econômico. O determinismo é a lei de ferro de um mundo pecador bastante indiferente como um todo à vida sobrenatural” (Manifeste de Terre Nouvelle). Eu digo: *como um todo*; porque o determinismo radical significa que não há mais pessoas para agir. Os determinismos *tendem* a nos empurrar nesta ou naquela direção, como um peso. A tarefa da pessoa é carregar os fardos da carne e, às vezes, contornar o obstáculo.

6. Vocation, engagement, témoignage

Il me reste, pour terminer, à indiquer très sommairement comment en fait et pratiquement la personne se manifeste. Essentiellement par une *vocation* et une *responsabilité*. Les meilleures consciences (religieuses ou non), ont toujours senti que leur tâche était d'écouter l'*appel* de quelque utopie, de quelque mythe, de quelque valeur dont elles avaient la charge: entendre cet appel, c'est avoir une vocation; la personne prête à y répondre se sent responsable; elle s'engage dans la mesure où elle s'efforce d'inscrire sa vocation en actions visibles dans la durée, – de l'incarner. Ses actions sont des « témoignages » de sa vocation. La pointe extrême de l'engagement, du témoignage, de la responsabilité, de la vocation est le sacrifice: la chair s'efface dans l'ordre visible devant la vocation. Le suicide, qui dans cet ordre visible est indiscernable du sacrifice, en est l'exacte antithèse: il est négation pure de toute vocation.

6. Vocação, engajamento, testemunho

Resta-me, para terminar, indicar muito brevemente como de fato e praticamente a pessoa se manifesta. Essencialmente por uma *vocação* e uma *responsabilidade*. As melhores consciências (religiosas ou não) sempre sentiram que a sua tarefa era ouvir o *apelo* de alguma utopia, de algum mito, de algum valor pelo qual eram responsáveis: ouvir este apelo é ter uma vocação; a pessoa pronta a respondê-lo sente-se responsável; ela se engaja na medida em que se esforça para inscrever a sua vocação em ações visíveis na duração do tempo, – para encarná-la. Suas ações são “testemunhos” de sua vocação. O ponto extremo do engajamento, do testemunho, da responsabilidade, da vocação é o sacrifício: a carne desaparece na ordem visível diante da vocação. O suicídio, que nesta ordem visível é indistinguível do sacrifício, é sua antítese exata: é a pura negação de toda vocação.

7. Retournement merveilleux

Le chrétien a quelque chose d'essentiel, de subversif à ajouter: pour lui la personne ne s'achève que dans le don qu'elle fait d'elle-même à Dieu. Retournement merveilleux: pour créer, le chrétien se laisse créer, pour vivre, il meurt à lui-même. Celui qui conservera sa vie la perdra...

A la différence du nietzschéen, du stoïcien qui ferment la personnalité sur elle-même et sur son agressivité, le chrétien sait qu'il ne possède que ce qu'il reçoit de Dieu et *donne* en amour à son prochain. La personne se trouve au terme de sa *dépossession* en Dieu.

7. Conversão maravilhosa

O cristão tem algo de essencial, de subversivo, a acrescentar: para ele a pessoa só se completa na doação que faz de si mesma a Deus. Conversão maravilhosa: para criar, o cristão deixa-se criar; para viver, morre para si mesmo. Aquele que guardar a sua vida, perdê-la-á...

Diferentemente do nietzschiano, do estoico que fecham a personalidade nela mesma e sobre a sua agressividade, o cristão sabe que só possui aquilo que *recebe* de Deus e *dá* em amor ao próximo. A pessoa se encontra no final de sua *desapropriação* em Deus.

Je suis le plus personnel au moment où je songe le moins à l'être. Pourquoi? Parce que la personne est *appelée* non par une utopie, un mythe ou même une valeur, mais par le suprême concret, la Personne en soi, Jésus « limite *atteinte* de la personne dans l'histoire ». (Denis de Rougemont).

Sou mais pessoal quando menos penso em ser. Por quê? Porque a pessoa é *chamada* não por uma utopia, um mito ou mesmo um valor, mas pelo supremo concreto, a Pessoa em si, Jesus “o limite *alcançado* da pessoa na história”. (Denis de Rougemont)